

ABAI
O LIVRO DAS
Pálavrās

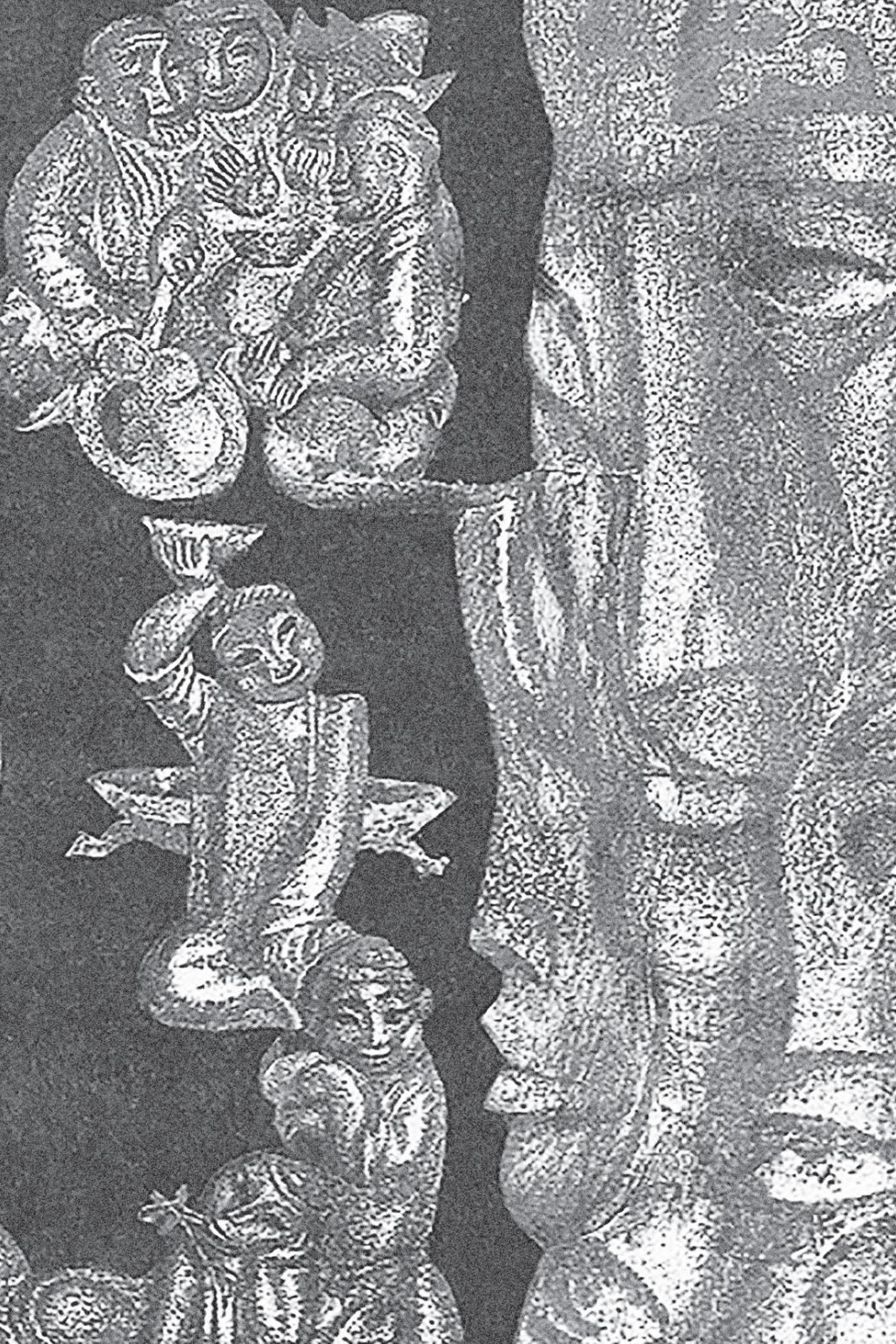


Abai Qunanbayuly - um excelente poeta e pensador cazaque, fundador da literatura escrita de seu povo. Nascido em 10 de agosto de 1845, na cidade de Semey, oriundo de uma família rica, pertencente à nobreza local, Abai recebeu a educação primária em casa, posteriormente tendo estudado em uma escola espiritual muçulmana, madraça, na qual eram ensinadas línguas orientais e, concomitantemente, em uma escola russa. Durante esse período, Abai Qunanbayuly se familiarizou com os poetas e cientistas do oriente, com as obras de escritores russos e com a literatura da Europa Ocidental. No final de seu período de formação, Abai escreveu seus primeiros versos, inovou a poesia nacional, introduziu novas metrificações e rimas aos versos cazaques, escreveu 170 poemas e fez 56 traduções. O mais famoso de seus trabalhos é considerado *O livro das palavras*. O poema inclui 45 pequenas parábolas e tratados filosóficos, que levantam questões sobre educação e perspectivas nacionais, moralidade e direito. A referida obra é fundamental para a literatura cazaque, tendo sido traduzida para inúmeras línguas do mundo. Abai Qunanbayuly morreu em 23 de junho de 1904 e foi enterrado em suas estepes nativas no vale Zhidebay, perto das montanhas Chingis.

ABAI

◊ LIVRO DAS
Pálavrās





Sumário

Apresentação	8
Primeira Palavra	10
Segunda Palavra	12
Terceira Palavra	14
Quarta Palavra	17
Quinta Palavra	20
Sexta Palavra	21
Sétima Palavra	22
Oitava Palavra	24
Nona Palavra	25
Décima Palavra	26
Décima Primeira Palavra	28
Décima Segunda Palavra	30
Décima Terceira Palavra	31
Décima Quarta Palavra	32
Décima Quinta Palavra	34
Décima Sexta Palavra	35
Décima Sétima Palavra	36
Décima Oitava Palavra	38
Décima Nona Palavra	39
Vigésima Palavra	40
Vigésima Primeira Palavra	41
Vigésima Segunda Palavra	42
Vigésima Terceira Palavra	44
Vigésima Quarta Palavra	46
Vigésima Quinta Palavra	48
Vigésima Sexta Palavra	49
Vigésima Sétima Palavra	51
Vigésima Oitava Palavra	54
Vigésima Nona Palavra	56
Trigésima Palavra	58
Trigésima Primeira Palavra	59
Trigésima Segunda Palavra	60
Trigésima Terceira Palavra	62
Trigésima Quarta Palavra	63
Trigésima Quinta Palavra	66
Trigésima Sexta Palavra	67
Trigésima Sétima Palavra	69
Trigésima Oitava Palavra	72
Trigésima Nona Palavra	85
Quadragésima Palavra	87
Quadragésima Primeira Palavra	89
Quadragésima Segunda Palavra	90
Quadragésima Terceira Palavra	92
Quadragésima Quarta Palavra	95
Quadragésima Quinta Palavra	96

Apresentação

Abai Qunanbayuly - maior poeta nacional cazaque; pensador, iluminista, humanista, ativista social e fundador da literatura nacional escrita em cazaque. Assim como Camões é para Portugal e para o Brasil, Pushkin é para a Rússia, Shakespeare é para Inglaterra, Abai é mais que um escritor, é uma personalidade iluminada.

A criatividade poética de Abai Qunanbayuly é indissociável de suas concepções pedagógicas. O poeta repelia o atraso e a rotina na vida pública, ridicularizava as falhas humanas, com toda a força de seu coração saudava com alegria o novo, que ele próprio podia testemunhar, considerando a falta de aspirações um dos vícios do homem. Em seus versos, ele convocava os cazaques a estudar e lutava pela educação das mulheres cazaques; incentivava os jovens a dominar as ciências, a buscar novos ofícios, aconselhando-os a trabalhar honestamente em benefício da sociedade. Abai atribuía especial importância à família no processo de formação dos jovens, observando que os pais são os educadores mais importantes .

As obras de Abai resistem ao tempo e permanecem atuais até os nossos dias. Quanto mais nos afastamos do período vivido pelo poeta, mais conscientes ficamos da necessidade de estudar sua herança, que representa para todos nós um tesouro incomensurável.

Kairat Sarzhanov
Embaixador da República do Cazaquistão no Brasil



ABAI

◊ LIVRO DAS
Pálavrás

Primeira Palavra

Não sei se vivi bem ou mal.

Mas percorri um longo caminho entre lutas e disputas, sentenças e discussões, sofrimentos e preocupações, e assim cheguei à idade madura; exaurindo as minhas forças, cansado de tudo. Percebi a fragilidade e a futilidade das minhas ações e me dei conta da natureza humilhante da minha existência. Com o que devo ocupar-me agora e como viver o resto dos meus dias? Intriga-me o fato de não conseguir encontrar resposta para essas perguntas.

Governar o povo? Não, o povo é ingovernável. Que esse fardo seja carregado por aquele que esteja disposto a contrair uma doença incurável, ou então por um jovem ardente de coração inflamado. Mas que Deus me salve desse fardo que está além da minha capacidade! Devo engordar os rebanhos? Não, não vale a pena me ocupar disso. Deixe que os jovens criem o gado, caso precisem. Não dedicarei os dias que me restam cuidando do gado para dar alegria a patifes, ladrões e pedintes.

Ocupar-me com as ciências? Como posso me engajar nas ciências se não há com quem trocar uma palavra inteligente? A quem poderei transmitir o conhecimento acumulado? A quem perguntar sobre aquilo que não sabemos? Qual é a vantagem de se sentar em uma estepe deserta com um metro na mão tentando vender tecidos? Muito conhecimento se torna fel, que acelera a velhice no caso de não haver ninguém ao seu lado para compartilhar das alegrias e das tristezas.

Ou talvez me dedicar à religiosidade? Receio que eu não consiga. Essa vocação exige completa serenidade e paz de espírito. Mas eu não conheci a paz em minha alma, e que tipo de religiosidade pode haver entre essas pessoas nesta Terra! Talvez ensinar as crianças? Não, isso também está além das minhas forças. Eu até ensinaria, mas não sei o que ensinar, nem como.

Educar, sem saber como e o que ensinar? Para qual profissão e com que finalidade ensinar, para qual povo? Como ensinar? Para onde encaminhá-las depois, se eu mesmo não vejo onde as crianças poderiam aplicar seus conhecimentos?

Aqui tampouco encontrei uma aplicação para mim mesmo.

Finalmente decidi: papel e caneta serão meu único consolo, passarei a anotar meus pensamentos. Se alguém encontrar neles uma palavra útil, que a copie ou a memorize. Já se ninguém precisar das minhas palavras, elas permanecerão comigo.

Agora não tenho mais nenhuma preocupação além dessa.



Segunda Palavra

Na infância, costumava ouvir como os cazaques zombavam dos uzbeques: “Vocês, *sarts*¹ de abas largas, trazem juncos de longe para cobrir os telhados, bajulam ao encontrar alguém, mas insultam pelas costas. Temem cada arbusto; falam sem parar, e isso é porque chamam vocês de *sart-surts*².”

Ao encontrarem os *nogais*³, os cazaques também riam e repreendiam: “O *nogai* tem medo de camelo, se cansa montado no cavalo e descansa andando. Fugitivos, soldados e comerciantes, todos descendem dos *nogais*. Eles deveriam ser chamados de *nokai*⁴ e não de *nogai*!”

Sobre os russos, costumavam dizer: “O Urus ruivo, basta avistar um *aul*⁵, que galopa como um louco na sua direção, precisa mostrar suas orelhas compridas, acredita em tudo o que lhe dizem.”

“Meu Deus!”, eu pensava orgulhoso. “Parece não haver no mundo inteiro pessoas mais dignas e nobres do que os cazaques!” Tais conversas me alegravam e me divertiam.

Mas agora eu vejo que não há sequer uma planta que os *sarts* não consigam cultivar, não há um único local que seus comerciantes não tenham visitado e nada que suas mãos não possam inventar. Eles vivem em harmonia e paz e não procuram inimizades. Antes de terem os comerciantes russos por perto, os *sarts* traziam roupas para os cazaques vivos e mortalha para os defuntos; compravam rebanhos de gado que pai e filho não conseguiam partilhar sozinhos. Agora, mesmo com os russos, os *sarts* adotam as inovações antes dos demais.

*Bais*⁶ e sacerdotes muçulmanos alfabetizados, luxo e cortesia, os *sarts* têm tudo isso.

Olho para os *nogais*, eles podem ser bons soldados, resistem bravamente às privações; encaram a morte de forma resignada, protegem as escolas e respeitam a religião; sabem trabalhar e enriquecer, vestir-se e divertir-se.

Já nós, cazaques, trabalhamos na agricultura para os *bais* deles por uma mísera comida. Os nossos *bais* os enxotam de suas casas: “Ei, cazaque, não foi para isto que o piso foi colocado, para você pisotear com suas botas sujas.”

A força deles é que aprendem incansavelmente o ofício, trabalham

e não gastam tempo com brigas humilhantes entre si. Sobre os nobres e instruídos russos nem se fala. Não somos páreos nem para os servos deles.

Para onde foi a nossa empolgação de outrora? Onde ficou o nosso riso alegre?



Terceira Palavra

Em que consiste a separação entre os cazaques, a antipatia e a má vontade de um em relação ao outro? Por qual motivo as palavras deles não são sinceras, e por que eles são tão preguiçosos e obcecados pelo poder?

Os sábios do mundo perceberam há tempos que o preguiçoso é, via de regra, um medroso sem força de vontade; um homem sem vontade é medroso e vanglorioso; o vanglorioso é medroso, tolo e ignorante; o tolo é sem educação e não entende a noção de honra, já o desonesto apoia os preguiçosos, insaciáveis, indóceis, incompetentes, e não deseja o bem aos outros.

O resultado disso é a preocupação de nosso povo apenas com uma coisa: possuir o máximo de gado possível e, assim, conquistar a honra e o respeito dos outros. Caso eles tivessem se ocupado com a agricultura, com o comércio, se fossem interessados em aprender sobre as ciências e a arte, isso não teria acontecido.

Os pais, após aumentarem seus próprios rebanhos, farão o possível para garantir que os rebanhos de seus filhos fiquem cada vez mais gordos, com o objetivo de deixar o gado aos cuidados dos pastores, para que eles próprios passem a ter uma vida de ociosidade: comer carne e beber *koumiss*⁷, apreciar as belezas e admirar os corcéis.

Por fim, seus invernadouros e pastagens ficam apertados; então eles, usando o poder de sua influência ou posição, por todos os meios disponíveis, ganham ou compram, enganam ou se aproveitam das pastagens de um vizinho. Este, roubado, pressionará o outro vizinho ou terá que deixar sua região natal. Sendo assim, parece possível que essas pessoas possam desejar o bem umas às outras?

Quanto mais pobres, mais barato é o valor da mão de obra. Quanto mais miserável, mais espaço nos invernadouros. Aos poucos, a nossa antipatia um pelo outro se torna algo aberto e irreconciliável; enfurecemo-nos, afastamo-nos, dividimo-nos em grupos, subornamos representantes influentes para ter vantagem sobre os oponentes, lutamos por posições. O vitimado não trabalhará para obter riqueza de nenhuma outra maneira, nem o comércio, nem a agricultura o interessam, ele unir-se-á a uma parte ou a outra, vendendo a si próprio, para viver na pobreza e na desonra.

O roubo não para nas estepes. Se houvesse união entre o povo, ele nunca iria tolerar um ladrão que, fazendo uso hábil do apoio de um grupo ou de outro, continuasse a roubar.

Os filhos honestos das estepes são vítimas de acusações criminais baseadas em falsas denúncias e são submetidos a interrogatórios humilhantes, e, antes do tempo, há testemunhas prontas para confirmar aquilo que não viram ou ouviram.

E tudo isso para desacreditar um homem honesto, para não permitir que ele se candidate a cargos mais altos.

Se o perseguido, para se salvar, pedir ajuda a esses mesmos patifes, sacrificando assim sua honra, não aceitar se curvar, certamente será acusado injustamente, sofrerá privações e infortúnios, sem poder encontrar um lugar e uma ocupação dignos.

Ao chegarem ao poder, por meio de trapaça e engano, os *volosts*⁸ não reconhecem pessoas honestas e modestas, mas procuram aliados entre pessoas de sua espécie, ágeis e astutas, contando com o apoio delas, principalmente por medo de hostilidades.

Agora, está em uso um novo provérbio: “O que importa não é a essência do que se faz, mas, sim, quem faz.” Portanto, é possível alcançar o planejado não pela correção do que foi realizado, mas pela destreza e astúcia de seu executor.

Os *volosts* são escolhidos para um período de três anos. O primeiro ano de sua administração é marcado por todos os tipos de queixas e reclamações: “Não se esqueçam de que fomos nós quem os elegemos!” O segundo ano é dedicado à luta contra possíveis futuros rivais, e o terceiro à campanha de recolocação. O que resta, então?

Ao observar como o meu povo se afunda cada vez mais em discórdias, cheguei à conclusão de que para os *volosts* deveriam ser eleitas pessoas que tenham tido pelo menos alguma educação russa, ainda que pouca. Caso não haja ninguém desse tipo, ou se não desejam nomeá-los, então os *volosts* deveriam ser nomeados pelas autoridades dos distritos maiores e pelo governador militar.

Isso seria útil em vários sentidos: em primeiro lugar, antes de mais nada, os cazaques ambiciosos teriam seus filhos educados; segundo: os *volosts* não dependeriam mais dos caprichos da nobreza local, mas receberiam ordens apenas de uma autoridade superior.

Para não sofrer as inevitáveis objeções e denúncias, um nomeado não deve ser submetido a nenhum controle ou verificação local.

⁸ **Volost:** a menor divisão administrativa na Rússia, antes da Revolução de Outubro, e na União Soviética, até 1930.

Tivemos a oportunidade de ver a inutilidade de eleger *biis*⁹ para cada *volost*. Poucos são capazes de fazer justiça. Para manter um conselho, é essencial conhecer todas as leis transmitidas por nossos antepassados. Mas as leis ficaram desatualizadas com o passar do tempo e necessitam de alterações e de juízes de caráter indubitável, mas isso, quando há, é raro entre o nosso povo.

Quem conhece bem os cazaques costuma dizer: “Se há dois *biis*, há quatro disputas.”

A falta de um juiz supremo e o número par de *biis* só complicam a resolução das desavenças. Para que aumentar o número de *biis*? Não seria melhor eleger três homens educados e inteligentes para cada *volost* por um período ilimitado, substituindo apenas aqueles cujo comportamento se mostre impróprio?

Que as disputas legais sejam julgadas por dois juízes e um intermediário, escolhido por ambas as partes. E apenas quando não fosse possível apurar a verdade e chegar a um acordo, a disputa seria levada a um dos três juízes permanentes. Assim, os processos não se estenderiam por tanto tempo.



Quarta Palavra

Aquele capaz de olhar com atenção sabe que o riso tolo lembra a embriaguez.

Na verdade, o embriagado é leviano; quando ele fala, suas palavras fazem doer a cabeça dos interlocutores.

O riso descuidado leva quem se entrega a isso à desordem em sua vida, ao desgaste da mente e a vários atos indecorosos. Podemos dizer que essas pessoas, seja nesta vida ou na vida após a morte, serão punidas.

Uma pessoa racional está atenta aos seus negócios, e isso conduz à satisfação.

Não quero que soframos o tempo todo; nenhuma alma pode suportar uma dor tão constante. Mas o pesar deve ser sensato, e não deve ser evitado; preocupe-se, caso você tenha poucas preocupações, e livre-se de preocupações vazias por meio de um trabalho de verdade. Cada trabalho de verdade faz com que a tristeza diminua.

Portanto, supere a dor, afaste-a de você, não com risos vazios, mas com um trabalho. Não se entregue à tristeza, não se prenda aos seus infortúnios; isso também não é correto.

Não se alegre com os crimes praticados por pessoas ruins, não desfrute com um riso, zangue-se com o mal, ria com raiva.

Rir de desgosto não é alegria, mas, sim, uma tristeza. Não é esse o tipo de riso com o qual você deve se envolver o tempo todo. Esse riso não se parece com a embriaguez. Mas se você ri com prazer, vendo que existem boas pessoas e grandes feitos, então ria com coragem.

Não jogue fora a alegria. Não se gabe da diversão, não a derrame como um bêbado derrama sua bebida. Há um riso que não nasce no coração, mas vem apenas do peito. Um riso mascarado, arranjado. Não se empolgue com esse riso.

O homem nasce chorando e morre irritado. Sem vermos a felicidade da vida, perseguindo uns aos outros, vangloriando-nos, perdemos, assim, nossa pobre vida sem vê-la, a humilhamos com atos indecentes, a negligenciamos como areia, como uma corda podre, e quando chegamos ao fim, choramos e não conseguimos comprar sequer um dia de vida, mesmo com toda uma fortuna acumulada.

De que vale essa vida de lástima que você viveu?

Viver na esperteza, por meio de pedidos chorosos, isso não é viver, é existir, assim como existe um cachorro.

Se você deseja viver com dignidade, viva de modo sóbrio, confiando em sua força, trabalhe e a terra lhe dará seus frutos e não o deixará na marginalidade.





Quinta Palavra

Escrevi sobre o riso, agora escreverei sobre o sofrimento. A aflição aperta o peito, enfraquece todas as articulações do corpo, arranca lágrimas de uma pessoa e fluxos de lamentações.

Quantas vezes eu ouvi dos cazaques: “Senhor, faça-nos tão despreocupados como os recém-nascidos.” Isso quer dizer que os cazaques têm preocupações e se consideram adultos.

Mas se perguntarmos a eles quais são as preocupações, por quais sofrimentos eles passaram, eles responderão com os provérbios: “A vida é dada a você para meio dia, mas tenha recursos para o dia todo”, “Para um pobre nem o pai é parente”, “O rebanho é o fígado do homem”, “Para o rico, a luz, para o pobre, a escuridão”, “O valente e o lobo encontrarão comida pelo caminho”, “A mão que recebe se acostuma a dar”, “Aquele que conseguiu enriquecer está certo”, “Evite lagos profundos e pessoas avarentas”, “Se estiver com fome, vá para uma casa onde estiver ocorrendo uma celebração em homenagem a um morto.”

Temos muitos provérbios, mas neles não se fala sobre a ciência, sobre o conhecimento, sobre a justiça e sobre uma vida em paz.

O homem ama o seu gado como as suas próprias vísceras. Ele quer receber tudo por meio de mentiras.

Caso não consiga, ele vai querer roubar. O homem não tem medo de roubar o próprio pai.

Então, de que reclamam os cazaques?

Será que a sabedoria deles não é parecida com a de um recém-nascido?

Mas até mesmo as crianças sabem que uma pedra quente queima, já os adultos não têm medo do crime.

Quando as crianças ficam envergonhadas, elas estão prontas para se esconder embaixo da terra, já as pessoas que criaram esses provérbios obviamente não têm vergonha de nada, elas estão prontas para excluir você, caso você não seja igual a elas.

Esse é o país em que vivo, e esse é o povo a quem amo.



Sexta Palavra

Um dos provérbios cazaques diz: “O início de uma capacidade está na união. O início da prosperidade está no trabalho.”

Mas os cazaques não sabem o que é união, nem como alcançá-la.

Os cazaques entendem a união como uma comunhão de gado, comida e roupas.

Mas se isso fosse assim, qual seria o sentido da riqueza e o mal da pobreza? Por que procurar riqueza pelos cantos, se você a tem na família e ela pode ser obtida?

Mas será que isso é união?

Não, a união está na comunhão de pensamentos, de intenções, e não na junção imaginária de riquezas, que poderiam ser obtidas até mesmo de parentes.

Ao valorizar esse tipo de vida, considerando apenas a morte como inimiga, a pessoa se torna inimiga de tudo o que é mais elevado e eterno. Ao se manter em uma vida baixa, o homem foge do inimigo e recebe a glória de um covarde, foge do trabalho e recebe a glória de um preguiçoso, tornando-se, assim, inimigo de todo o bem.

Não, isso não é vida. Quando o homem mantém vivos o coração e a alma, isso, sim, é vida.

Você pode parecer vivo, mas se o seu coração estiver morto, isso quer dizer que você perdeu a razão. Dessa forma, não terá forças para o trabalho.

Há um poema que diz:

*Preguiçoso inútil, zombador,
Você está feliz por ter sempre comida pronta.
Você se mexe, por dentro você é insignificante,
Você não conhece o seu fim, não tem noção da sua vergonha.
Melhor uma morte justa do que uma vida assim.*



Sétima Palavra

Quando nasce uma criança, nela já há dois princípios.

O primeiro é o desejo de comer, beber, dormir e, assim, satisfazer as necessidades vitais do corpo. Caso não haja esse desejo, o corpo deixará de ser a morada da alma, não crescerá ou se desenvolverá.

O segundo princípio é o desejo de saber sobre tudo. A criança busca o todo, procura por algo notável, prova tudo pelo gosto e pelo toque. Uma música toca, e a criança a seguirá; ouvirá o latido de um cachorro, ou o tropel do gado, o choro e o riso, e logo se anima. Mais tarde, começa a perguntar: “O que é isso?” “Por que ele está fazendo isso?” “Para que serve isso?” A criança é tomada por uma grande ansiedade.

Essa é a necessidade da alma, a ambição por tudo ver, tudo saber, tudo aprender. Mas se esse interesse sumir, caso você não tenha mais vontade de tudo saber, ou pelo menos de saber uma parte, isso quer dizer que você deixou de existir como pessoa. Se você não tem ambição pelo conhecimento, significa que a sua alma já não é a de um homem, mas, sim, a de um animal.

Desde o princípio, Deus criou a alma humana de modo que ela fosse diferente da alma dos animais. Isso pode ser visto em tudo. Na infância, a cada minuto perguntando “por quê?”, esquecemo-nos da comida e do sono. Por que, então, ao crescermos, perdemos nosso primeiro dom: a sede pelo conhecimento? Por que não seguimos as pessoas que criam a ciência e encontram respostas para os “porquês”?

Deveríamos ter ampliado nosso mundo, multiplicado os tesouros pelos quais nos sentíamos atraídos na infância. A sede pelo conhecimento deveria subjugar o corpo. Mas nós não agimos dessa forma. Grasamos como gralhas, crocitamos como corvos e, como eles, não voamos além do monte de esterco da nossa aldeia.

A sede pelo conhecimento nos dominava apenas na infância. O corpo se tornou mais forte e passou a não obedecer à alma. E deixamos de acreditar no que a alma nos sugeria, sendo saciados apenas por uma visão simplificada. Não nos aprofundamos na essência da vida e nos consolamos com as palavras: “Nada perde aquele que viveu sem saber de nada.” Fomos informados sobre o conhecimento e não acreditamos nisso. Fomos ensinados e dizemos: “Sua mente é para você, e a minha é para mim.” Respondemos: “Em vez de ser rico na cabeça dos outros,

é melhor ser pobre à sua maneira.” Dizemos: “Deus está com eles, não precisa ser melhor que os outros.” Não vimos o mérito do conhecimento e não entendemos as instruções.

Assim, no peito não há liberdade e no coração não há fé.

Dessa forma, em que nós somos melhores do que os animais que veem o mundo, mas não o entendem?

Quando crianças, queríamos saber, embora não soubéssemos, mas éramos filhos dos homens porque buscávamos conhecimento. Somos piores que os animais agora. O animal não sabe, mas não discute, não quer mostrar que sabe. Não sabemos nada, mas valorizamos a ignorância; não trocamos a ignorância pelo conhecimento e estamos prontos para defender nossa ignorância com toda a paixão de um briguento criador de confusões.



Oitava Palavra

Quem receberá os conselhos sábios? Quem ouvirá os ensinamentos?
Nem os oficiais do *volost*, nem os *biis* ouvir-me-ão.

Se eles tivessem a ideia do conhecimento, não seriam eleitos; eles são eleitos porque buscam a eleição, acreditando que podem se tornar um exemplo para todos. Eles se consideram perfeitos.

Por que eles me escutariam? Mesmo que quisessem, não teriam tempo. Eles têm na cabeça a sua ocupação, a de não se passar por culpados perante seus superiores, de não permitir que entrem na aldeia diferentes causadores de problemas. Eles estão ocupados.

Eles pensam que o pássaro da felicidade sentará em suas cabeças e que se tornarão os donos de meio mundo, multiplicarão seus rebanhos e, assim, poderão comprar tudo para o seu gado. Então eles andam de nariz empinado. Questões como honra, desonra, razão, ciência: tudo isso para eles vem depois do gado. Eles acham que podem ser agraciados por Deus pelo gado obtido. Para eles, religião é gado, pessoas são gado, conhecimento é gado, consciência é gado.

Como é possível entender a vida e ouvir conselhos quando não se tem tempo para tal compreensão?

Um *bai* pensa em alimentar a todos, saciar a todos, tudo para obrigar as pessoas a cuidar do seu gado, protegê-lo dos ladrões, dos lobos, do frio. Isso demora muito tempo para ser organizado e, ao concluir, ele ficará se gabando e na fanfarronice.

Não darão ouvidos aos conselhos sobre os ladrões, vilões, espertalhões.

Já as pessoas pacíficas, pessoas da linhagem das ovelhas, não podem ouvir-me porque não são abastecidas com comida. Elas dizem: “Por que você vem até aqui? É melhor ir até aqueles que são mais velhos do que nós, aos que devem entender as palavras da razão.” Mas eles não se importam com isso. Entre aqueles não há sofrimento nem tristeza.



Nona Palavra

Eu mesmo sou cazaque. Mas será que eu amo os cazaques ou não?

Se amasse, eu louvaria suas ações, encontraria nelas pelo menos uma característica digna do amor humano. Ou, para não perder a esperança, consolar-me-ia com o pensamento de que: “Se eles não têm isso, então talvez tenham outras coisas.” Eu deveria ter mantido minha fé de alguma forma. Mas isso eu não consegui.

E se eu não gostasse dos cazaques, não faria parte dos círculos deles, não estaria interessado no que está acontecendo entre eles e me manteria tranquilamente à margem. Ou apenas me afastaria deles. Mas eu não faço nem uma coisa, nem outra. Eu não acho que os corrigirei. Não tenho esperança de que eles se corrijam. Dessa forma, eu existo, mas não vivo. De frustrações com eles, frustrações comigo mesmo, eu sigo saudável por fora e morto por dentro. Irrito-me, mas não há raiva em meu coração. Meu riso é sem alegria. As palavras que digo não parecem minhas. Tudo se tornou estranho.

Naqueles dias, quando eu ainda acreditava, muitas vezes pensava em deixar os cazaques, fugir para algum lugar, mas eu ainda os amava e tinha esperança neles. Agora que eu os conheço plenamente, perdi toda a esperança, toda a fé se extinguiu, mas não quero ir a lugar algum, não quero me unir a estranhos, me acostumar com eles.

Tornei-me um homem com um vazio no peito, mas acredito que possa ser bom viver dessa forma, chegar ao fim sem lamentar o passado, morrer sem lamentar, mas com os olhos de esperança no futuro.



Décima Palavra

Muitos rezam, pedem a Deus por um filho. Mas para que o homem precisa de uma criança?

“Se eu morrer”, assim pensa o homem, “que fique um herdeiro meu, que ele reze por mim após a minha morte, e quando eu envelhecer, que ele possa me alimentar.”

Parece justo tal desejo?

O homem quer que o filho ocupe o lugar dele.

Será que você acha que as propriedades sem você ficarão sem dono? Você terá que cuidar da propriedade que ficará após sua morte? Por que você está com ciúmes de seus bens em seu leito de morte?

Bons filhos trazem alegria; os maus, tristeza. Você sabe como será a criança que você tanto pede a Deus? Você não está satisfeito com os tormentos que sofreu na vida? Teria mesmo sido pouco tudo aquilo por que você passou? Por que você deseja, tendo dado à luz um filho, que ele passe pela mesma vida de tormentos?

Você quer que seu filho ore por você após a sua morte. Isso se você fez o bem, mas quem orará se você fez o mal? Qual será a serventia da oração de seu filho?

Ou você acha que o seu filho, após a sua morte, fará tudo aquilo que você mesmo não fez? Será que esse é o tipo de pai que você é, e seria esse o país certo para que você possa educar bem um filho?

Você quer que seu filho o alimente durante a velhice? Uma fé vazia. Será que você mesmo chegará até a velhice? E caso você chegue lá, será que seu filho será bom e terá condições para sustentá-lo?

Se você tiver gado, qualquer um pode alimentá-lo? Caso você não tenha, com o que seu filho o sustentará? O seu filho terá condições de multiplicar o rebanho sozinho? Isso é obscuro e incerto.

Muito bem. Deus pode lhe dar um filho, mas será que você terá condições de educá-lo? Não, não terá, e ainda precisará não só responder por seus próprios pecados quanto se tornar cúmplice dos pecados dele.

Reflita se está correta a forma como você se relaciona com as coisas, e sua ansiedade diminuirá.

Você começa a enganar seu filho desde a infância, prometendo a ele uma coisa, depois outra. E se diverte ao enganar a criança. Caso seu

filho se torne um enganador ou um mentiroso, eu lhe pergunto: com quem ele aprendeu essas coisas?

Depois disso, você o ensinará a repreender os outros, sendo que você mesmo protegerá e perdoará as suas travessuras. Dessa forma, você estragará de modo definitivo a criança.

Então você fará seu filho estudar e, para isso, contratará o *mulá*¹⁰ mais barato, pensando que, para ele, será suficiente ler e escrever.

Você mesmo ensina as artimanhas ao seu filho, ao falar que outro menino está insultando-o pelas costas.

Essa é a educação que você quer dar a ele. E depois de tal educação, você espera mesmo que o bem surja em seu filho?

Você ainda costuma rezar por riqueza, mas para que você precisa rezar por isso?

Deus lhe deu força o bastante para que você trabalhe. Mas você não trabalha. Deus lhe deu as ciências, mas você não estuda. Deus lhe deu a razão, mas você a perdeu. Você se tornaria rico se trabalhasse sem preguiça, de forma paciente e em um trabalho honroso. Mas você não precisa disso: você quer enriquecer por meio de ameaças, de mentiras, de mendicância. É isso que você quer.

Você hostiliza as pessoas, suja o seu nome implorando por esmolas. Bem, finalmente você atingiu o seu objetivo, adquiriu o gado. Mas você será capaz de tirar proveito da riqueza e adquirir algum conhecimento? Não, você não conseguirá aprender. Isso significa que seu filho também não aprenderá nada. Sem conhecimento, não há nada de bom neste ou no outro mundo.

Oração, jejum, peregrinação a Meca, quando realizados sem conhecimento, não podem ser considerados atos de devoção. Não conheci um único cazaque sequer que, após ter ficado rico por meio de maldades, tenha conseguido viver como um homem de verdade. Não, as pessoas que ficam ricas dessa forma passam a ter uma vida de cachorro. E três coisas passam a acompanhá-las: a angústia, a tristeza e o rancor.

Um homem rico apenas consegue se gabar de ser rico; quando está arruinado, ele se orgulha de ter sido rico e mendiga em abundância.



Décima Primeira Palavra

O que os cazaques têm feito atualmente?

Eles estão envolvidos em duas coisas: roubo e conivência; o ladrão pensa que ficará rico com o roubo, e o dono do gado tenta compensar as perdas ao roubar do vizinho o excedente. Os que detêm o poder tentam enriquecer às custas do peticionário e também ajudar o ladrão.

Outros tentam enriquecer com denúncias ou com o fato de emprestar um cavalo a um ladrão, ou ao receber dele algo por uma pechincha.

Outros farsantes tentam enriquecer ao levar pessoas que nunca sequer pensaram em roubar a diferentes maquinações. Eles dizem assim: “Aja dessa forma e ficará conhecido, será forte, ou receberá satisfação por qualquer ofensa dirigida a você, além de passar a ser considerado um homem corajoso.” Eles se envolvem em incitações, na tentativa de desviar as pessoas do caminho da verdade, inculcando nelas a dúvida.

Os superiores dizem a um deles: “Eu o apoiarei, tire vantagem às custas de algo assim.” Ao outro dizem: “O que você está bocejando, tire vantagem às custas de algo assim.”

E as pessoas comuns contam com o fato de ser muitas, e prometem apoiar um dos seus em batalhas e litígios. As pessoas correm de um partido para outro.

Ao não conseguirem mais ter paz, as pessoas se vendem, vendem a esposa, os filhos e a aldeia.

Se não houvesse o roubo e essas formas de enriquecimento, talvez as pessoas se ocupassem mais com a agricultura, os *bais* teriam restringido sua ganância, e os pobres, à procura daquilo que não têm, teriam transformado seus desejos em um trabalho honroso. Agora, todas as pessoas são cúmplices de roubos e encobrimentos.

Quem poderá corrigir isso? Será mesmo que o juramento, a honra e a vergonha padecerão de forma inglória? Seria fácil domar os ladrões em si, mas quem poderia domar os *bais*, que se tornaram aliados obedientes dos farsantes e dos perturbadores?





Décima Segunda Palavra

Se alguém faz o bem de maneira errada, demonstra sua devoção de modo incorreto, não devemos nos atrever a proibi-lo de fazê-lo.

Eu considero que a principal coisa está na intenção: não pode haver mal naquilo que é feito com a intenção de fazer o bem.

No entanto, seria melhor que as pessoas sem conhecimento suficiente a respeito da devoção se inteirassem de pelo menos duas regras; a primeira: é preciso entender o significado da fé; a segunda: não se limitar ao cerimonial, mas se concentrar no aprendizado.

Quem não aprendeu e desistiu de tentar já se perdeu, e sua devoção não poderá mais ser considerada verdadeira.

Se um homem, que não entende o verdadeiro significado da fé, usa um turbante e começa a se intitular adepto do jejum e da oração, isso equivale ao homem que, sem pagar o dote por sua noiva, queira receber a herança.



Décima Terceira Palavra

O significado da fé, o chamado *imame*¹¹, é o entendimento da unidade irrepreensível e misericordiosa do Criador e o entendimento dos ensinamentos de nosso profeta, o mensageiro do Todo-Poderoso.

Mas, para se estabelecer no *imame*, são necessárias duas condições: a primeira, é que a fé deve ser consciente; a segunda: após ler nos livros uma coisa, ouvir dos *mulás* outra, você precisa desenvolver a sua compreensão e nela ser persistente, não acreditar na instigação de outros.

Caso você seja ameaçado de morte, se mil pessoas o questionam de mil maneiras diferentes, é preciso que seu sentimento não ceda.

Para que tal entendimento da fé seja mantido, é preciso ter um coração de leão e artérias que nunca esmoreçam.

No entanto, há pessoas que acham que têm fé, embora acreditem em outro preceito. Tais pessoas são instáveis. Elas juram solenemente que branco é preto e que preto é branco, da mesma forma que juram que a mentira é verdade. Que Deus, nosso senhor, nos proteja de tais pessoas!

Não precisamos lembrar que além desses dois tipos de fé, a consciente e a inconsciente, não há outra.

E quando você age contra a lei da verdadeira fé, não pense que Deus o perdoará por sua bondade. Isso não corresponde à grandeza de Deus e às bênçãos do profeta.

Malditos sejam aqueles que incentivam por meio de provérbios mentirosos, que dizem que não há juramento diante de um sabre afiado; ou que dizem não haver sequer um pecado que Deus não perdoe.



Décima Quarta Palavra

O homem teria algo mais valioso que o próprio coração?

Se um cazaque disser que uma pessoa tem coração, isso significa que ele considera essa pessoa um herói. Ele, no entanto, não imagina as outras qualidades que nascem do coração.

Seja misericordioso, considere o outro como seu irmão, deseje a ele aquilo que você deseja para si mesmo. Esses são bons princípios a se cultivar em um coração verdadeiro.

Se a língua obedece ao coração, não há erros, mas se a língua mente, o coração está enganado.

Temos uma expressão popular: “Coração valente.” Saiba que esse coração não é compatível com o engano e a ostentação.

Um homem de coração se recupera rapidamente dos infortúnios. Ele não segue uma caravana como um cachorro. Ele mesmo guia os cavalos perdidos para o caminho da verdade. Ele se submete, mas apenas àquilo que é justo de acordo com a razão. Às vezes, tal submissão se dá de forma difícil. E ele não se submete àquilo que não passa pelo teste da razão. Esse é um coração verdadeiro, um coração de leão ou, como os cazaques costumam dizer, um *zhurekty*¹². O que geralmente chamamos de coração de herói não é o coração de um leão, mas o coração de um lobo.

O cazaque também é uma criatura humana. Ele pode fazer o mal, não por tolice, não por ele não ter discernimento, mas por não haver a firmeza necessária no coração que lhe permita obedecer à razão.

Eu não acredito nas pessoas quando elas dizem que cometeram o mal porque não tinham conhecimento. Não, muitas vezes elas têm conhecimento, mas o negligenciam, porque a realização do conhecimento verdadeiro costuma ser uma façanha. E se o cazaque sucumbe à maldade, ele não tem forças para romper com o mal.

Aqueles chamados pelo povo de “*zhiguites*¹³ fortes”, “*zhiguites* es-pertalhões”, levam à pobreza e ao crime, estimulados por exclamações como: “Que herói!”, “Avante, herói!” Mas o homem que se afasta do caminho da verdade, do caminho da honra, o homem que se entrega a assuntos obscuros, à gabolice e não se controla, não pode ser conside-

rado um herói, um *zhiguite* ou sequer um homem.



Décima Quinta Palavra

Entre as pessoas inteligentes e as tolas, na minha opinião, há uma diferença a ser considerada: o homem inteligente é um homem de verdade. É claro que ele se entusiasma, mas, ao se entusiasmar, ele se empenha ao máximo para alcançar o seu objetivo, e o próprio tempo gasto com essa busca permanecerá em sua memória como o melhor período de sua vida.

Esse homem, ao estabelecer um objeto digno de sua paixão, o procura incessantemente, e ao se lembrar dele, percebe que recebeu uma enorme dádiva e não lamenta por sua vida ter passado.

O tolo é aquele que não encontra um lugar na vida para si. Ele se interessa por tudo, desperdiça sua paixão com desejos inúteis e infrutíferos, passa a maior parte de sua vida na corrida de cães, e a velhice, em arrependimentos.

Um homem tolo, em sua juventude, muda de um passatempo a outro. A ele parece que a juventude é eterna, que o corpo não envelhece e que as articulações nunca enfraquecem. Mas rapidamente a diversão passa a consumi-lo, e ele perde a capacidade de escolha e até mesmo o desejo.

A paixão se torna uma doença. Se uma pessoa alcança o que aspira, tudo isso é apenas uma conquista imaginária, uma pessoa experimenta apenas uma embriaguez. A embriaguez enfraquece e obscurece a mente e, ao redor, um sóbrio, ao ver o embriagado, passa a rir deste. Enquanto isso, uma pessoa arrazoada, não se expondo ao ridículo, continua a procurar pela verdade, e a encontra.

Um homem tolo é como um cavaleiro que, tendo tirado a sela com estribos do cavalo e coberto a parte de trás do animal, galopa abobalhado e com o nariz empinado.

Se você quer fazer parte do grupo de pessoas racionais: uma vez por dia ou uma vez por semana, ou mesmo uma vez por mês, faça uma reflexão sobre como você tem se comportado em sua vida, sobre suas ações, se elas correspondem ao princípio do bem e do razoável. Você fez algo de que vale a pena se arrepender? Pense em como a sua vida tem passado, se você a sente e se lembra de como a viveu.



Décima Sexta Palavra

O cazaque não se esforça para que sua vida seja correta diante de Deus. Ele acha que basta fazer o que os outros fazem: que a virtude é se levantar e se curvar no tapete de oração fazendo reverências. Afinal, às vezes, dizemos aos comerciantes que chegam para receber dívidas: “Foi tudo o que encontrei. Se for o suficiente para você, pegue. Não ache que vou conseguir riqueza do chão só para você.”

Mas não se pode enganar o destino da mesma forma que se engana um comerciante. E as pessoas, que não se esforçam e não querem aprender nada, dizem: “Isso é tudo o que eu sei. Como agora na velhice vou aprender coisas novas?”, ou então: “Sou ignorante. A minha língua não desenrola para falar palavras elevadas.”

Homem, será que a sua língua não foi criada da mesma forma que a língua dos outros?



Décima Sétima Palavra

A vontade, o coração e a razão disputavam quem dentre eles era o mais importante. Eles então se dirigiram à sabedoria, para que ela decidisse tal questão.

A vontade disse: “Ouça, sabedoria, você mesma sabe que sem mim ninguém conseguiria atingir seu objetivo. É só por minha causa que as pessoas deixam de lado a preguiça e a teimosia, na busca persistente por conhecer. Mesmo um homem rico não é capaz de alcançar a perfeição sem vontade e trabalho.

Por acaso não sou eu a responsável pelas escolhas das pessoas? Não sou eu quem adverte contra ganhos fáceis e maus caminhos? Não sou eu quem coloca as pessoas de volta no caminho certo quando elas o deixam? E estes dois estão discutindo comigo?”

A razão, por sua vez, disse: “Mas só eu sei o que é prejudicial, o que é bom para este mundo e também para o outro. As palavras só podem ser compreendidas por mim. Sem mim é impossível obter lucro, sem mim não se pode evitar as perdas. Apenas eu compreendo as ciências. Como esses dois – disse a razão – ousam desafiar a minha superioridade? E para que servem eles sem mim?”

O coração se manifestou: “Eu sou o rei do ser humano. Eu impulso no sangue pelas veias, sem mim não há vida. Faço com que pessoas, bem alimentadas e despreocupadas, deitadas no calor de uma cama macia, se preocupem e pensem em como vivem os pobres e os desfavorecidos. Eu enveneno o sono dos despreocupados, faço com que as pessoas se mexam e se virem em suas camas. Eu tenho respeito pelos mais velhos e misericórdia pelos mais jovens. Quantas vezes não cuidaram da minha saúde, quantas vezes não fui humilhado? Mas se o coração é honesto e imaculado, não há ressentimento entre as pessoas. Eu me entusiasmo com a virtude e faço com que as pessoas se afastem do mal, da mesma forma que alguém se afasta de uma cobra. Tudo o que é bom: a modéstia, a justiça, a caridade, a simpatia; tudo vem de mim. Como esses dois podem questionar isso?”

Então a sabedoria, após ouvir a todos, ponderou: “Escute, vontade, tudo que você disse é justo. Além disso, você possui muitas outras virtudes não mencionadas aqui. No entanto, embora esses dois não possam viver sem você, você, além de força, tem crueldade. Há muitas

qualidades em você, mas também um certo mal. Às vezes, você se apega ao bem e outras vezes ao crime. Isso é algo ruim em você.” Assim disse a sabedoria e continuou: “- Razão, o que foi dito por você também está correto. Nada pode ser descoberto sem você. Você nos familiariza com os mistérios da criação, com a vida da alma, mas também há o mal em você. De você vemos nascer os truques e as trapaças, você é a líder das pessoas boas e das más. Você lidera as pessoas no caminho do bem e do mal. Isso é o que há de muito ruim em você”.

A sabedoria, então, conclui: “Eu ordeno que vocês três se unam em um, e o coração será o mestre dos três. Razão, você dispõe de várias faces. Deixe o coração segui-la no caminho do bem, deixe-o concordar com você e se alegrar. Mas não deixe que ele a siga no caminho do mal. Além disso, permita que ele ordene que você volte de lá. Vontade, você é forte, mas deixe que o coração a comande, que ele possa usar sua força para coisas boas e úteis, e no caso de coisas ruins, que ele possa estabelecer a proibição.

Vocês devem então se unir, mas lembrem-se de que o coração é o mestre. Se vocês três estiverem juntos em um homem, da forma como eu disse, esse homem, ao ser guiado por vocês, tornar-se-á justo, e até o pé de seus pés poderá ser usado para a cura de cegos. Se houver conflito entre vocês, deixe que a pessoa possa ouvir o coração.”



Décima Oitava Palavra

Um homem deve se vestir bem, andar asseado e manter sua vestimenta limpa. Mas é ruim quando um homem gasta com roupas mais do que seus recursos permitem e quando ele se preocupa em demasia com a aparência, tornando-se um pelintra. Os pelintras estão sempre se arrumando, ajeitando o bigode e a barba, os cílios, as sobrancelhas, pensando no seu andar, andando com as mãos nos quadris e repleto de preocupações vazias.

Os pelintras consideram que as roupas devem sustentar o homem. Eles querem ser conhecidos como *zhiguites* por suas roupas e bons cavalos, querem receber honrarias por parte dos mais velhos, querem causar inveja em seus semelhantes; e querem que aqueles que estão abaixo deles digam: “O que mais um homem pode desejar, além de estar tão bem-vestido e de ter um cavalo tão bonito”?

Tudo isso é tolo e vergonhoso.

Mas se tal capricho supera o homem, é difícil para ele voltar a ser um homem.

Evite a sociedade de pelintras.

Apenas a razão, a ciência, a vontade e a vergonha enobrecem o homem.

Pensar que é possível elevar-se de outra maneira só pode ser o pensamento de um tolo.



Décima Nona Palavra

Um homem não nasce sábio. Ele se torna sábio após ter visto e passado por muitas coisas, o que o coloca em condição de distinguir o certo do errado.

O homem que se lembra das palavras dos sábios se torna prudente. Mas a própria prudência não decide tudo. Agora, se você, por prudência, evitar o mal, pode se considerar um homem.

Se você ouve os discursos dos sábios, mas os ouve de maneira desinteressada ou, ao ouvir e se deleitar, não tem o interesse de penetrar na essência da sabedoria e, sendo assim, não consegue mudar o seu comportamento, então para que ouvir isso? Um sábio disse: “Em vez de falar com pessoas que não entendem você, é melhor engordar um porco. Pelo menos ele está engordando.”



Vigésima Palavra

É sabido que não se pode mudar o destino. Ou seja, o homem tem por destino entediar-se.

A saciedade é criada pelo destino, o próprio homem não a encontra, mas se você a conhecer uma vez, será difícil se livrar dela. Você tentará, mas ela voltará. No fim, ela irá vencê-lo.

Será que existem coisas que não entediam? Até um homem racional conhece a saciedade. Seja de comida, de brincadeiras, do riso, da gabolice, do janotismo, de conversas e de mulheres, em maior ou menor escala; de tudo o homem se cansa, e isso acontece porque a saciedade revela o vício em cada uma das coisas.

O mundo não é estático. Da mesma forma que a vida e a força do homem não permanecem inalteradas. Todas as coisas estão fadadas à inconstância, até mesmo o coração. Ao ter visto e sentido muitas coisas na vida, o homem passa a conhecer o seu valor; ao saber sobre a falta de objetivo da vida e a brevidade dos divertimentos, o homem passa a conhecer a fadiga.

E é por isso que, às vezes, a estupidez e o desinteresse mantêm muitas pessoas felizes.



Vigésima Primeira Palavra

É difícil evitar a gabolice.

O ato de se gabar pode ser dividido em dois tipos: um que chamamos de orgulho e outro de fanfarronice.

Vamos chamar de orgulho quando uma pessoa se considera importante e tem medo de se passar por ignorante ou por um fanfarrão leviano, e não quer ser um mendigo, um caluniador, um mentiroso. Um homem assim se protege de más ações, que considera humilhantes para o seu nível, e seu orgulho o eleva.

Essas são características de um homem inteligente e consciente, de pessoas que pensam consigo mesmas: posso não ser considerado tão bom, mas não vou mostrar isso para as outras pessoas. Já outras se esforçam para que falem delas da forma mais fútil e pior possível. Eles querem ser chamados de *bais*, heróis, espertalhões. Eles até mesmo se esquecem de que, às vezes, mencionam coisas ruins sobre o homem.

Mas mesmo esse tipo de gabolice pode ainda ser subdividido em três categorias.

Alguns querem ser elogiados entre pessoas estranhas. Este tipo, apesar de grosseiro, também é um homem.

O outro se gaba em seu próprio meio. A ignorância de um homem deste tipo é completa e indiscutível. De humano em um homem assim há pouco, apesar de haver.

O terceiro tipo é o que se vangloria em sua própria casa. Mesmo em seu meio, ninguém o elogia. Este é o tipo mais estúpido entre os ignorantes, e esse tipo já não pode ser considerado um homem.

Porque aquele que deseja merecer elogios de um desconhecido tentará se destacar entre pessoas do seu meio. Aquele que quer se destacar em sua família, esforçar-se-á para se destacar entre os membros da família. Mas aquele que busca o elogio de seus parentes próximos, esse já não tem mais vergonha, afinal, ele mesmo terá que se vangloriar para si mesmo.



Vigésima Segunda Palavra

Tenho refletido sobre quem entre os cazaques merece respeito e amor.

Talvez os *bais* mereçam respeito.

Não, atualmente os *bais* não merecem respeito. Afinal, não há mais um *bai* que colocaria sua riqueza à prova por sua consciência. Um *bai* compete com outros *bais*, depende de centenas de pessoas, se humilha diante delas, subornando-as com gado. Um *bai*, em sua ignorância, acha que estão lhe pedindo presentes. Não, ele é quem pede que as pessoas aceitem, porque um suborno não pode ser considerado um presente ou uma generosidade.

Ele traz a discórdia para a sua região, abre os braços para todos os encrenqueiros, assim um *bai* distribui seu gado.

Outros *bais*, ao verem que as pessoas em nosso país não conseguem viver em harmonia, sucumbem à intimidação e servem aos bandidos da melhor forma possível.

Talvez respeitar os *murzs*¹⁴? Mas, nos dias de hoje, não há *murzs* de verdade. Aqui está um *murz* subornando, e há muitos que compram seus títulos dessa forma. Alguns deles se tornaram *murzs* apenas para ganhar dinheiro. Outros, tendo perdido toda a razão, se curvam diante de todos, pensando que, ao se curvarem, alcançarão o respeito.

Talvez então respeitar os *volosts* e os juízes?

Não há mais *volosts* e juízes justos. O poder conseguido por meio de adulação ou comprado com dinheiro não merece respeito.

Respeitar os pobres? Todos parecem ser fortes para fazer o mal, mas o bem não há quem faça.

Eu respeitaria os sábios, respeitaria os justos, mas nos faltam pessoas inteligentes. A sabedoria parece ser suficiente apenas para atos de espartezza e falcatruas.

Ter respeito pelos infelizes, pelos desamparados, por aqueles que nada possuem? Mas eles não conseguem sequer montar em um camelo reclinado.

A modéstia, quando oriunda da fraqueza, não é uma qualidade. Se eles tivessem tido a chance de arrumar um camelo, teriam encontrado

uma oportunidade de apanhar mais alguma coisa pelo caminho.

Sendo assim, não há calma entre bandidos e espertalhões, eles querem devastar tudo.

Mas a quem devo amar e a quem devo desejar o bem?

Eu me recordo do provérbio: “Quem conserva o bem evita litígios.”

Eu desejo a eles prosperidade: que possam ceder metade de sua riqueza para conservar a outra metade: que sejam vítimas, mas que pelo menos sejam modestos.

Além deles, não consigo encontrar ninguém na lista dos bondosos.



Vigésima Terceira Palavra

Nem toda alegria é para o bem. Há ainda certa alegria que não permite aos nossos cazaques que se tornem melhores. Essa alegria consiste no fato de que os cazaques, ao encontrarem uma pessoa má ou identificarem uma atitude ruim no outro, dizem a si mesmos: “Que vergonha dessa pessoa. E ele se acha um homem de verdade. Será que eu não sou ótimo em comparação a ele? Eu não sou uma boa pessoa se comparado a ele?”

Ouçã, cazaque: Deus lhe disse que ser digno é ser melhor que os piores? Ou isso foram as pessoas dignas que lhe disseram?

Mas, se existem pessoas mais ignorantes e piores do que você, será que só isso é o suficiente para fazer de você um homem bom?

O homem pode se tornar bom apenas em comparação com pessoas boas.

Se de uma corrida de cavalos participam cem cavalos e um deles é premiado, mas não com o primeiro prêmio, as pessoas perguntam a ele: quantos cavalos chegaram à sua frente? Qual é o sentido de perguntar quantos cavalos chegaram depois dele? Qual é a alegria para um retardatário em poder dizer que havia mais cinco atrás dele?

Será que é mesmo um consolo dizer que não apenas nós somos maus? Deus lhe disse que era o suficiente para você acompanhar a multidão?

Quem foi que lhe disse que para a multidão não há castigo? Ou você acha que no inferno não há lugar para a multidão? A multidão raramente é composta por pessoas estudadas, em geral a sabedoria é encontrada em indivíduos. Portanto, não se esconda na multidão. O que é melhor em uma casa: que todos fiquem doentes ou quando metade fica doente e a outra metade permanece saudável?

Caso a multidão tenha se perdido, não será necessário alguém que conheça a estepe pela qual a multidão está seguindo?

Se todos os cavalos estão exaustos, isso é um grande mal; muito melhor se metade estiver exausta e metade estiver em condições.

Se a *juta*¹⁵ chegar, o melhor é que ela arruíne toda a população? Não, o melhor é que pelo menos metade das pessoas permaneça intata.

Ou seja, não pode servir de consolo para um tolo o fato de que no mundo há muitos tolos.

Será que um noivo com mau hálito convencerá sua noiva dizendo que todos na família dele têm o mesmo problema? Será que a noiva ficará tão feliz que lhe dirá: “Claro, querido, não fique para trás do resto da família”.



Vigésima Quarta Palavra

Em todo o planeta, pelo que dizem, vivem dois bilhões de pessoas. Delas, dois milhões são cazaques.

Os nossos cazaques têm amizade, inimizade, glória, força, busca por riqueza, busca por conhecimento; tudo isso não se parece com os hábitos de outros povos.

Lutamos um contra o outro, roubamos um do outro, seguimos um ao outro e não deixamos o outro descansar um dos olhos, nem por um instante.

Não temos cidades nem pessoas que conhecem o mundo.

Será mesmo que devemos permanecer insignificantes entre os “povos do mundo”?

Chegará o dia em que entre os cazaques serão extintos o roubo, a fofoca, a calúnia, a inimizade, e em que conquistaremos o bem e o conhecimento pelo caminho certo.

Mas de onde surgiu tudo isso?

Pois temos duzentos homens para se alimentar com cem cabeças de gado. Será que eles podem descansar até que um comece a destruir o outro?





Vigésima Quinta Palavra

As crianças devem aprender muitas coisas, mas primeiro elas precisam aprender sua língua de origem, ser alfabetizadas e receber o conhecimento mais básico. Para os idiomas árabe e persa, é preciso dispor de recursos.

Como um homem faminto pode manter sua mente e diligência para compreender as ciências?

A escassez de prosperidade e os conflitos entre parentes levam as pessoas para o caminho da trapaça, da violência e do roubo.

Trabalhe, multiplique seu gado, seus conhecimentos e habilidades. O que você conseguir aprender, ensine ao seu filho. Faça crescer o conhecimento. O principal é aprender a ciência russa: a ciência, o conhecimento, a fartura, a arte; tudo isso em russo. A língua e a cultura russas devem ser conhecidas para evitar vícios e alcançar o bem.

Os russos conhecem o mundo. Se você conhecer o idioma deles e estudar a cultura, você será como eles e não viverá na ignorância.

Acreditar que é possível viver apenas na esperteza significa ser vítima da ignorância.



Vigésima Sexta Palavra

O cazaque fica exaltado se seu cavalo vence uma corrida, se o lutador em quem ele apostou ganha uma luta, ou se seu cachorro ou falcão se sai bem em uma perseguição. Não sei se há mais alguma coisa além dessas que dê maior alegria a um cazaque. Parece-me que não!

Mas será que tais alegrias são dignas de um homem? Que satisfação pode haver em um animal vencer uma corrida ou um homem derrubar outro se entre os vencedores não estiver você ou o seu filho?

Tudo isso parece mais uma tentativa de derrubar um ao outro ou de irritar alguém.

Qual seria o motivo da alegria? Irritar o outro não é bom. Isso é contrário à razão e aos costumes, e prejudicial a si mesmo. Não há nada para se alegrar quando você irrita ou magoa alguém. Não provoque a raiva e a inveja em outra pessoa.

O cavalo de corrida, a águia dourada e o cachorro são todos animais. Às vezes são de um dono, noutras, de outro. Um *zhiguite* forte pode nascer em uma família ou em outra. Tudo isso não é criado pelas mãos dos homens.

Vencer uma vez não significa vencer sempre. Se você perder, pense que não é possível ser o mais rápido e o mais forte para sempre. Só os ignorantes se alegram e se entristecem com coisas que não devem ser motivos para alegrias e tristezas.

Pense em tudo isso.

Um povo ignorante se alegra com aquilo que não é motivo para se alegrar. Ele não se lembra do que fez, o que disse, e se alegra por bobagens até não poder mais. Esse mesmo povo não sente vergonha daquilo que deveria ter vergonha e se envergonha de coisas de que deveria se orgulhar. Tudo isso acontece por ignorância e tolice.

Quando você diz isso para eles, eles respondem: “Sim, claro, claro”, como se estivessem concordando com você. Mas não acredite nisso, no dia seguinte, aquele mesmo homem que estava concordando com você irá agir da mesma forma que os outros. Embora ele veja e entenda tudo isso, ele é como uma criatura teimosa que não consegue abrir mão de seus caminhos tortuosos.

Se um cazaque estiver acostumado ao mal, ele o deixará apenas por medo, por um medo muito forte, sendo mais provável que ele só abandone o mal após a sua morte.

Não conheci pessoas que, após admitirem seus erros, tenham passado a agir corretamente.



Vigésima Sétima Palavra

(Por Sócrates)

Estas são as palavras de Sócrates, transmitidas por Xenofonte e registradas por ele no livro primeiro das *Memórias de Sócrates*.

Aristodemo não oferecia aos deuses sacrifícios nem preces, não recorria à adivinhação e até zombava dos que observam tais práticas.

Sócrates disse:

- Diz-me, Aristodemo - interpelou-o - haverá homens a serem admirados pelo talento?

Aquele respondeu:

- Por certo.

Complementa Sócrates:

- Nomeia-os.

- Na poesia épica, admiro, sobretudo, Homero; na tragédia, Sofocles; na estatuária, Policleto; na pintura, Zêuxis.

Além disso, ele mencionou várias outras pessoas cuja arte se tornou amplamente conhecida.

Sócrates, então, continuou:

- Quais são, a teus olhos, mais dignos de admiração, os artistas que fazem imagens sem razão e sem movimento ou os artistas que criam seres inteligentes e animados?

O discípulo responde:

- Por certo os que criam seres animados, desde que tais seres não sejam obra do acaso, mas de uma inteligência.

Sócrates questiona:

- Entre obras sem destinação manifestada e aquelas cuja utilidade é incontestável, quais consideras como produto do acaso ou de uma inteligência?

- Justo é perfilhar a uma inteligência as obras que tenham fim de utilidade.

- Não te parece, então, que aquele que, desde que o mundo é mundo, criou os homens tenha dado a estes, para que lhes fosse útil, cada um dos órgãos por intermédio dos quais experimentam sensações, olhos para ver o que é visível e ouvidos para ouvir os sons? De que nos serviriam os odores se não tivéssemos nariz? Que ideia teríamos do doce, do amargo, de tudo o que agrada ao paladar, se não existisse a língua para

os diferenciar? Ademais, não achas dever olhar-se como ato de providência que, sendo a vista um órgão frágil, seja munida de pálpebras, que se abrem quando necessário e se fecham durante o sono; que, para proteger a vista contra o vento, essas pálpebras sejam providas de cílios; que os supercílios formem uma goteira por cima dos olhos, de sorte que o suor que escorra da testa não lhes possa fazer mal; que o ouvido receba todos os sons sem jamais encher-se; que em todos os animais os dentes da frente sejam cortantes e os molares aptos a triturar os alimentos que daqueles recebem; que a boca, destinada a receber o que excita o apetite, esteja localizada perto dos olhos e dos narizes, e as secreções, que nos repugnam, possuam canais afastados o máximo possível dos órgãos dos sentidos? Trepidas em atribuir a uma inteligência ou ao acaso todas essas obras de tão alta providência?

Aristodemo pensou e respondeu que não restava nenhuma dúvida de que se tratava da obra de algum artífice sábio que criou o mundo com amor e arte.

Sócrates complementa:

- E o desejo inspirado às criaturas de se reproduzir, e o desejo inspirado às mães de alimentar o próprio fruto, e nesse fruto o maior amor à vida e o mais profundo temor da morte?

E continua:

- Crês-te um ser dotado de certa inteligência e negas existir algo inteligente fora de ti, quando sabes não ter em teu corpo senão uma parcela da vasta extensão da Terra, uma gota da massa das águas, e que tão somente uma parte ínfima da imensa quantidade dos elementos entra na organização do teu corpo? Pensas haver açambarcado uma inteligência que consequentemente inexistiria em qualquer outra parte, e que esses seres infinitos em relação a ti em número e grandeza sejam mantidos em ordem por força sem inteligência?

Tampouco vês tua alma, senhora de teu corpo: de sorte que poderias dizer nada fazeres com inteligência, mas tudo fazeres ao acaso.

Ou alguma grande inteligência imensurável é o mestre de tudo isso? Se não vem da mente, de onde vem, então? Quais são as leis pelas quais tão maravilhoso mundo foi criado?

O discípulo responde:

- Tudo o que dizes é verdade. Claro, Sócrates, que não desprezo a divindade. Mas creio-a muito grande para ter necessidade de meu culto.

Sócrates, então, o repreende:

- Aristodemo, isso está errado. Tu ainda precisas de outras provas de que estás em dívida com o Criador que se importa contigo?

Aristodemo responde:

- Como posso saber se ele realmente se importa comigo?

Sócrates explica:

- Olha para todos os animais e olha para si mesmo. Os animais são espiritualizados, mas será que a alma deles é como a tua? Homem, ao pensar no presente e no futuro, assim como no dia de hoje, tudo passa pelo sentimento e pela mente. O animal representa vagamente o presente, mas não compreende o passado nem o futuro, e o presente não é dado a ele. Compara o organismo de um animal e o organismo de uma pessoa. O homem se inclina sobre os pés, cresce, arrebatada toda a vida com os olhos e todos os animais lhe servem. Afinal, alguns animais confiam nas pernas, outros nas asas, mas nenhum deles pode contar com as qualidades do homem. Se o homem não fosse criado para ser um homem, mas, sim, um animal, com o corpo dado a ele, ele seria insignificante, e se o animal recebesse a mente do homem, seu corpo não conseguiria responder à sua inteligência. Os animais não podem construir cidades, fabricar instrumentos, armas, e atingir os limites da arte e do conhecimento. Tudo isso não prova que o homem foi criado para ser rei de todas as criaturas vivas? Isso não prova que o Criador amou o homem, se importou com ele e que a humanidade é obrigada a mostrar sua obediência?

Assim concluiu o sábio.



Vigésima Oitava Palavra

Ei, muçulmanos! Vocês conseguem ver que alguns são ricos, outros são pobres, alguns são doentes, outros são saudáveis, alguns são levianos, outros estão dispostos a ser gentis e conscientes. As pessoas são diferentes. Se alguém perguntar a vocês por que isso acontece, você dirá que é obra do Criador, a vontade Dele. Por acreditarmos que em Deus não pode haver pecado ou culpa, nós Nele cremos. Mas acontece que Deus recompensa perjuros com riqueza e priva parasitas e pessoas que honestamente trabalham da última oportunidade de alimentar sua esposa e filhos, transformando o trabalho deles em nada. Muitas vezes vemos que uma pessoa humilde se encontra doente e humilhada. Por outro lado, há ladrões e vigaristas saudáveis. Entre dois filhos dos mesmos pais, um é inteligente, o outro é tolo.

Afinal, a todos foi dito: seja justo e honesto; a todos foi mostrado o caminho correto a seguir. Foi dito que os justos serão exaltados, e os desonestos receberão como castigo o tormento. No entanto, o próprio Criador parece levar alguns para o caminho do bem, e outros para o do mal. Será que tudo isso corresponde à falta de culpa e de pecado, à justiça de Deus? O povo e a propriedade do povo estão nas mãos de Deus. O que dizer sobre isso? Vocês dirão que Deus tudo pode. Ao dizerem isso, vocês mesmos estarão duvidando Dele.

Ao concebermos que o Criador é infalível enquanto atribuímos imperfeições e erros a Ele, significa que nos calamos por medo Dele. Se for esse o caso, qual seria o ganho por todos os seus trabalhos e esforços? Se tudo vem pela vontade do Criador, as pessoas não têm culpa. Se estão fazendo o bem ou o mal, elas simplesmente não estariam cumprindo a vontade do Senhor?

Mas Deus diz que é dever de todo homem racional ter piedade e de todo homem que tem piedade obedecer. Uma causa justa não deve temer o teste da razão. Se a liberdade não é concedida à razão, o que dizer da verdade: “Aquele que dispõe da razão conhecer-me-á?”

Não, é melhor, obviamente, entender isso de outra forma: Deus é o Criador do bem e do mal, mas Ele não nos obriga a praticá-los. Deus é o Criador da doença, mas Ele não faz com que você fique doente.

Deus criou a riqueza e a pobreza, mas Deus não faz com que você se torne pobre ou rico. Se você entende a fé dessa maneira, isso pode ser considerado um começo, caso contrário, isso representará um vazio.



Vigésima Nona Palavra

Entre os provérbios cazaques, há muitos que são dignos de atenção, mas também há aqueles que nada representam no plano divino ou humano.

Por exemplo, dizem que: “Quando há a necessidade, sobra a vergonha” e “Maldita seja a sua vida se você perdeu a vergonha.”

Mas será mesmo possível dizer que um homem pobre é necessariamente sem-vergonha? Afinal, o fato de uma pessoa ganhar a vida trabalhando não pode ser considerado algo vergonhoso. Pelo contrário, o fato de uma pessoa trabalhar, sem implorar ou ficar sentada à toa, a dignifica.

Há ainda outros provérbios que dizem: “Aquele que tem conhecimento consegue colocar fogo até na neve”, “Quem sabe pedir, sabe conseguir.”

Tais palavras são irracionais e dignas de punição divina. Em vez de percorrer uma vida de humilhações e procurar maneiras de “acender a neve”, é preciso buscar a riqueza na terra ou em seu trabalho.

Outro ditado diz: “Se você quer fama, ateie fogo no campo.” Mas qual seria a glória daquele que ateou fogo?

Costumam dizer ainda: “Melhor um dia como um garanhão do que cem dias como um castrado.” Mas o que há de bom em passar um dia em uma paixão selvagem que deixa apenas devastação em seu rastro?

Outro provérbio diz: “Ao ver o ouro, até mesmo um anjo se afasta do caminho da verdade.” Que o anjo o castigue por essas palavras. Por que o anjo iria querer o ouro?

Há ainda quem diga, para justificar a própria ganância: “A riqueza é mais doce que o pai e a mãe.” Não há verdade em outro provérbio: “A alma é mais doce que uma casa de ouro.” Que doçura pode existir na alma de um canalha que troca seus pais por riqueza? Não é vergonhoso vender os próprios pais? Eles sofreram, conquistaram coisas e pensaram que todos os seus pertences seriam passados aos filhos. Ao estar disposto a vender seus pais por riqueza, você não se tornaria um inimigo de tudo o que é vivo?

Dessa forma, é preciso ser prudente com os provérbios nascidos da hipocrisia e da ignorância.





Trigésima Palavra

O que chamamos de “sacos de vento arrogantes” é encontrado entre o nosso povo. Mesmo se você colocar quarenta deles à prova, não encontrará um que possa ser útil. Para que servem, então? Eles não têm bom senso ou autoestima, têm um conhecimento restrito e superficial, sem coragem, humanidade ou consciência. Eles juram ao argumentar: “Minha cabeça não estará atada à sela alheia. Por acaso um estranho me traz alimentos ou me fornece gado leiteiro? Não me arrependo de nada; mandarei minha alma para o inferno. É melhor morrer do que me render.” “Mesmo assim”, dizem os fanfarrões, “a morte é uma só”.

Você já encontrou um cazaque cujas ações estivessem de acordo com essas palavras? Eu nunca vi alguém que tenha renunciado à morte, mas ninguém admitirá seu medo e, às vezes, é verdade, qualquer um deles fará como se cortasse sua garganta com a palma da mão em um gesto de prontidão sacrificial.

No entanto, como devemos chamar alguém cujas ameaças são direcionadas apenas aos covardes, tudo pronto para se enterrar na vala mais próxima se houver algum problema? Isso nada mais é do que uma falsa bravura para assustar os fracos de coração, afinal: “Sua ira é realmente terrível!”

Meu Deus! Se ele tivesse um bom coração, fosse generoso e altruísta, se fosse corajoso e fiel à sua palavra, seus pontos positivos não seriam vistos em seu rosto?

Esse sujeito é um daqueles tipos desprovidos de honra que dizem ter “um rosto de bronze com mandíbulas incansáveis”.



Trigésima Primeira Palavra

Para poder assimilar tudo que você escuta é preciso seguir quatro regras.

Primeira: concentrar integralmente toda a sua atenção.

Segunda: quando você ouvir algo que considere necessário, empolgue-se com isso e adentre na essência do assunto.

Terceira: pense novamente sobre aquilo que ouviu.

Quarta: afaste seu pensamento de coisas inúteis.

Esses estados de espírito são: a preguiça, o descuido, a indiferença, a diversão sem sentido, a inclinação para uma reflexão sombria ou para uma paixão destrutiva. Esses vícios podem destruir sua mente e seu talento.



Trigésima Segunda Palavra

Aqueles que procuram estudar as ciências devem conhecer certas condições essenciais sem as quais não se pode alcançar seu objetivo.

Em primeiro lugar: você não deve estudar simplesmente com o objetivo de obter lucro. Você deve gostar de estudar por si só e se esforçar para isso.

Se você valoriza o conhecimento como uma bênção suprema, cada nova verdade que descobrir trará paz e satisfação à sua alma. Guarde bem o que é novo para você e sentirá o desejo de novas missões, e o amor pelo conhecimento nascerá em seu coração. Então sua memória absorverá o que você viu e ouviu.

Caso os seus sentimentos estejam voltados para outras coisas, você estudará as ciências por conta dessas outras coisas. Essa relação será semelhante à da madrastra com o enteado. A ciência deve ser amada assim como uma mãe ama seu filho.

Em segundo lugar: se uma pessoa aspira ao conhecimento, o conhecimento é adquirido com relativa facilidade. Mas a sinceridade é necessária nesta questão. O conhecimento deve ter um propósito nobre. Não adquira conhecimento para se gabar ou simplesmente para discutir. As discussões dão origem ao ciúme, humilhante para a dignidade humana.

O propósito da disputa geralmente não é a verdade, e sim a vitória sobre a outra pessoa. O homem que discutiu com uma centena de pessoas e as desviou do caminho da verdade é infinitamente inferior ao homem que guiou por esse caminho apenas uma pessoa. A controvérsia é necessária na ciência, mas você não pode se deixar levar pela disputa.

Evite a arrogância, o orgulho e a inveja encontrados entre os cientistas.

Em terceiro lugar, ao alcançar a verdade, não se afaste dela, mesmo sob ameaça de morte.

Se a sua verdade não o domina por inteiro, embora você tenha certeza dela, para quem mais ela pode ser valiosa? Como você pode esperar que os outros respeitem algo que você mesmo não trata com devoção?

Em quarto lugar: para o aumento do conhecimento, há duas formas: o homem deve desenvolver a capacidade de pensar e a imaginação. Sem pensamento e imaginação, a ciência não pode se desenvolver.

Em quinto lugar: evite o desinteresse. O desinteresse é inimigo de Deus e do povo. O desinteresse leviano é incompatível com a busca pela ciência.

Em sexto lugar: desenvolva o caráter. O caráter é o vaso que mantém a ciência e a razão. Se você for leviano, ingênuo, se for levado por diversões vazias, seu caráter ficará deteriorado, enfraquecido. Depois disso, não há nada a aprender, porque de qualquer maneira não será útil. Para que tentar juntar coisas se você não tem um local para armazená-las?

Alimente sua vontade, que é a armadura que preserva a mente. Não se deixe levar por diversões vazias e gabolices. Que todas as coisas possam lhe servir para a razão e a honra.



Trigésima Terceira Palavra

O mais importante é aprender um ofício.

O gado pode morrer de *juta*, mas o ofício sempre estará em suas mãos, e o artesão que vende sem dolo o que ele faz com as próprias mãos é o melhor dos cazaques.

No entanto, os artesãos cazaques têm seus vícios.

Primeiro: eles não procuram os melhores mestres para aprender, não recorrem a eles para utilizar a experiência adquirida para, após conseguida tal habilidade, superar os mestres com o uso da habilidade. Eles se mostram satisfeitos com o que sabem fazer e, seguindo o antigo hábito dos cazaques, rapidamente se acomodam.

Em segundo lugar, eles são preguiçosos para trabalhar. Se o artesão ganha o equivalente a duas ou três cabeças de gado, ele já se sente rico. Ele pensa assim: “Já tenho o meu rebanho”, e começa a se entregar à preguiça, ao desinteresse e ao dandismo.

Em terceiro lugar, se disserem a um artesão: “Você é um grande mestre e uma pessoa de bom coração”, ou mesmo: “Irmão, o que custa você fazer isso para mim?”, e ele achar que as pessoas dependem dele, ele se orgulha, cede à lisonja e passa a perder seu tempo com as encomendas dos bajuladores.

Além disso, o artesão cazaque gosta de passar seu tempo com os conhecidos. O patife que o lisonjeia, dando-lhe trabalho, oferece a ele sua amizade, paga ao mestre uma ninharia, persuade e engana.

O mestre acredita pertencer ao grupo de pessoas importantes. Ele se esforça, trabalha, gasta todas as suas forças sem perceber que, ao redor, o enganam. O mestre usa do seu próprio material para realizar o trabalho, se esquece das roupas e das dívidas, enquanto as pessoas ganham dinheiro pelas costas dele, revendem tudo aquilo que foi produzido por ele, e é assim que se entrelaçam os interesses das pessoas. Os artesãos pegam emprestado o gado de outros e repassam a um terceiro para pagar dívidas antigas. O mestre perde a sua dignidade enquanto homem e se reduz a nada.

Mas como isso pode acontecer? Muitos deles não são tolos e, mesmo assim, se deixam enganar tão facilmente.



Trigésima Quarta Palavra

Todos os homens sabem que são mortais, que a morte nem sempre chega apenas para os mais velhos e que a vida, ao nos ser tomada uma vez, nunca mais volta. O cazaque também acredita nisso, mas de forma involuntária, sem entender tudo isso a fundo. Ele também acredita que o mundo foi criado por um Deus, que haverá um julgamento no outro mundo, que o bem será recompensado, o mal será punido e que ambos, castigo e recompensa, não serão parecidos em nada com aquilo com que lidamos em nossas vidas. Deus mostrará sua verdadeira misericórdia e punirá o mal com um castigo infinito.

O cazaque não acredita nisso de verdade. Sendo assim, se ele acredita nisso de forma vaga, quem o convencerá a seguir pelo caminho certo?

Eu acho que os cazaques não podem ser chamados de verdadeiros muçulmanos.

Os assuntos mundanos os consomem, e não pode haver em uma mesma alma duas alegrias, duas paixões, dois desejos opostos. Não pode haver na alma do homem dois princípios que o governem profundamente ao mesmo tempo. Nesse caso, quando um homem tem mais cuidado e alegria com assuntos mundanos do que com o mundo espiritual, esse homem não pode ser considerado um muçulmano.

Agora, reflitam vocês mesmos se há muçulmanos entre os cazaques. Se um cazaque encontrar duas coisas: sendo que uma delas será necessária para a vida terrena e a outra para o mundo celestial, então me diga, o que ele escolherá sem mesmo tocar na outra? Você sabe que ele irá preferir o bem terreno ao outro, acreditando que poderá conquistar este em uma próxima oportunidade. Você acha que Deus o perdoará? Será que ele não teria perdido uma grande oportunidade? Mas, depois disso, ele jurará com fé que nunca preferiu os bens mundanos aos celestiais.

Então, qual é a conclusão?

A humanidade é amiga do homem. Isso porque seu nascimento, sua educação, suas necessidades, sua infelicidade, toda a sua natureza, o lugar de onde vem e para onde deve ir, ou seja, o destino, são os mesmos para todas as outras pessoas.

Sua morte, sua ocultação na terra, a higiene do seu corpo, o interrogatório pelo qual você passará no Juízo Final, seu medo futuro pelos

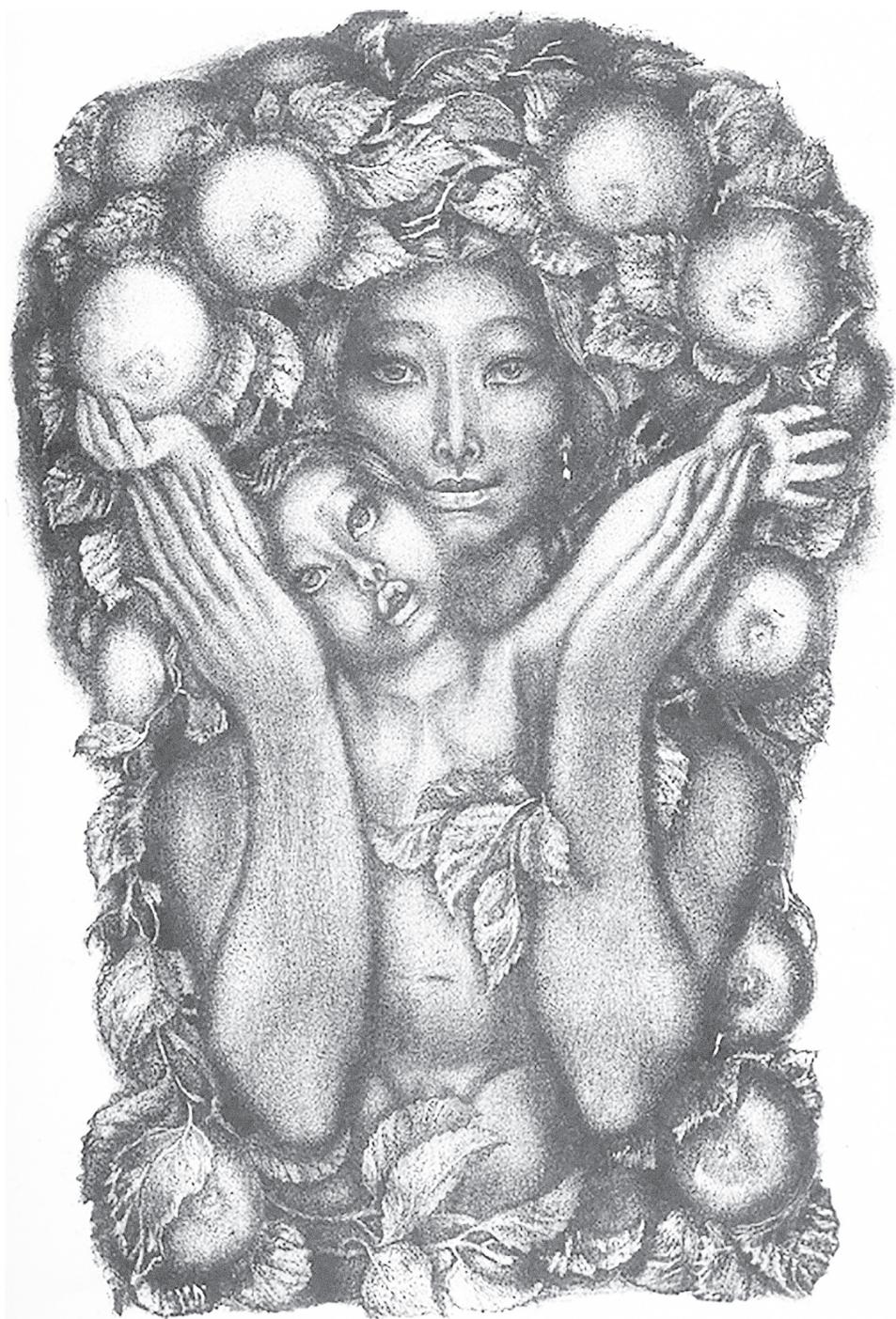
crimes cometidos neste mundo, o prazer pelas delícias deste e do outro mundo, tudo isso é comum entre as pessoas.

Você, juntamente com as outras pessoas, está apenas de passagem pela vida terrena. Assim como fazem as pessoas quando visitam umas às outras. Então, por que você questiona de forma ignorante a sabedoria do outro, inveja a felicidade do outro, por que pede a Deus para receber algo que pertence a outra pessoa?

Será que o Criador pode privar uma pessoa pelo bem de outra?

Mesmo sem terem uma boa educação e incapazes de unir duas palavras, essas pessoas insistem em seus direitos e em competir com o sábio. Será mesmo que isso é digno para um homem? Será que isso é realmente ser um homem?





Trigésima Quinta Palavra

Dizem que para o dia do Juízo Final são convocados os *khodjas*¹⁶, os *sufis*¹⁷, os *mulás*, os *murzs* e os *saídes*¹⁸, o Criador exigirá muito deles. Ele separará os que, durante seu período na Terra, serviram e praticaram boas ações apenas para ganhar respeito e visando os prazeres da vida. Esses serão isolados daqueles que passaram a vida apenas com o desejo de servir e agradar a Deus.

Ao primeiro grupo Deus dirá: “Vocês, em sua passagem pela Terra, conseguiram trabalhar habilmente apenas para ser chamados de ‘Honorário Khodja’, ‘Honorário Mulá’, ‘Honorário Saíde’, ‘Honorário Murz’. Mas não há respeito. A vida feliz de vocês acabou, e com ela foram levadas as palavras de respeito. Procurem ouvir não as palavras de respeito, mas as palavras da verdade. Eu lhes dei a vida, e vejam com que a desperdiçaram. Vocês estavam se escondendo da preocupação com a vida futura. De fato, vocês dedicaram toda a vida ao engano.”

Depois disso, o Criador se volta para os integrantes do outro grupo, para aqueles que percorreram suas vidas não para atender seus próprios prazeres, mas tentando agradar a Deus: “Vocês gastaram vida e fortuna para me agradar. Estou satisfeito com vocês. Tenho respeito por vocês e um lugar de honra. Caso tenham amigos neste tribunal que, embora não tenham feito o mesmo que vocês fizeram, tenham simpatizado com vocês e desejado sorte na caminhada de vocês, digam quem são, e eu concederei a eles minha misericórdia.”



Trigésima Sexta Palavra

Nas palavras sagradas do profeta, abençoado por Deus, Maomé disse: “Aquele que não tem vergonha também não tem fé.”

Da mesma forma, de acordo com o nosso ditado popular: “Quem tem vergonha também tem fé.”

É óbvio, portanto: a vergonha é parte integrante da fé. Mas o que é vergonha?

Há vergonha motivada pela ignorância. Ela é parecida com o constrangimento de uma criança que não se atreve a dizer uma palavra na frente dos adultos. É uma vergonha falsa. Ter vergonha do que não se deve ter vergonha é consequência da ignorância.

A verdadeira vergonha impede que você faça coisas contrárias às leis ou ao senso comum.

Tal forma de vergonha também pode ser dividida em dois outros tipos: o primeiro caso de vergonha é aquele em que você não cometeu um ato vergonhoso, mas tem vergonha do outro. Isso acontece, por assim dizer, por conta da pena por fazer algo supostamente errado. Essa vergonha é como que uma compaixão. Ela abarca você por inteiro e faz você corar.

Outro tipo de vergonha surge quando você cometeu um ato contra a lei ou fez algo desonroso por ignorância ou por um capricho do mal.

Deixe que esse ato passe despercebido por outras pessoas. Mas ele o perturba, e sua própria consciência passa a torturá-lo por meio da autocondenação. O homem não encontra a paz, não ousa levantar a cabeça e olhar diretamente.

As pessoas param de comer, de dormir, às vezes tiram suas próprias vidas. É difícil para um homem ser pego no tormento da consciência. Ele não tem tempo para enxugar as lágrimas dos olhos e a secreção que escorre pelo nariz. Ele se torna um cachorro. Ele não apenas deixa de olhar nos olhos dos outros, como, no geral, nada consegue ver.

Caso você tenha visto um homem chegar a tal condição e não sinta pena ou se esforce para que ele piore ainda mais, você é desprovido de qualquer vergonha humana.

Mas as pessoas que vejo ao meu redor não se envergonham nem mesmo enrubescem. Muitas, se vierem a se manifestar, vão dizer: “Mas eu já disse que sou culpado. Do que mais você precisa?” Ou: “Certo,

eu me envergonho, mas você teria feito o mesmo se estivesse no meu lugar”, ou ainda: “Veja que essa pessoa e aquela outra fizeram a mesma coisa, todas cometeram o mesmo erro, e mesmo assim continuam vivendo como se nada tivesse acontecido. E a minha atitude, em comparação com a delas, pode até não ser chamada de pecado, embora eu tenha tido motivação para agir dessa maneira.”

Elas se justificam com descaramento, caso você tente cobrar delas uma certa vergonha.

O que podemos dizer sobre tais pessoas? Elas têm vergonha, se é que se pode falar de vergonha no caso delas? Visto que as ações por elas realizadas são contrárias ao que propaga o profeta e às regras do coração.

Será então possível afirmar que elas sentem vergonha?



Trigésima Sétima Palavra

1. As qualidades de um homem são determinadas pelas intenções de suas ações e não pelo resultado delas.

2. Por melhor que seja uma ideia, ela perde a vida ao passar pela boca do homem.

3. Você pode encontrar consolo ao dizer palavras sábias a um tolo vaidoso, mas, na maioria das vezes, elas desaparecem no ar.

4. Ajude a quem merece; ao ajudar um tolo, você não o fará menos tolo.

5. Um filho que honra apenas seu pai não é um amigo do povo, um filho do povo é um irmão.

6. Um homem digno pode pedir muito, mas ficará contente com pouco; um desprezível pedirá muito, mas ficará insatisfeito mesmo que receba mais do que pediu.

7. Quem trabalha apenas para seu próprio benefício é como um animal que pasta para encher o próprio estômago; já o homem digno trabalha para cumprir seu dever humano.

8. Quem envenenou Sócrates, queimou Joana d'Arc e crucificou Jesus? Quem enterrou nosso Profeta junto ao cadáver de um camelo? A multidão! A multidão é desprovida de razão. Procure seguir o caminho da verdade.

9. O homem é filho do seu tempo. Se ele é mau, parte da culpa é de seus contemporâneos.

10. Se eu tivesse o poder, cortaria a língua de qualquer um que afirmasse que o homem é incorrigível.

11. Um homem sozinho é um homem morto. O solitário sofre infortúnios de todo tipo. No mundo há inúmeras coisas ruins, mas também há prazeres e alegrias. Quem poderá suportar as primeiras com dignidade? E quem poderá viver sem os últimos?

12. Quem entre nós não enfrentou dificuldades? Somente os fracos perdem a esperança. Nada neste mundo é imutável, e o infortúnio não pode durar para sempre. Afinal, uma primavera abundante e florida não surge após um inverno rigoroso?

13. Aquele que se cala mantém sua fúria dentro de si. Quem deixa sua fúria sair pela boca é um fanfarrão ou um covarde.

14. O sucesso e a sorte deixam um homem embriagado. Apenas um em cada mil pode manter a calma e a razão.

15. Se você deseja que seus trabalhos sejam bem-sucedidos, inicie o trabalho com sabedoria.

16. A glória é como um penhasco alto. A serpente lenta rasteja e o falcão desce sobre ela. Os mal-intencionados começam a elogiar aqueles que ainda não chegaram ao topo, e estes últimos, sendo crédulos, alegrar-se-ão com esse louvor.

17. O mundo é um oceano, o tempo é um sopro de vento, as primeiras ondas são os irmãos mais velhos e os últimos são irmãos mais novos. Uma geração sucede a outra, mesmo que as coisas pareçam imutáveis.

18. Um homem comum, conhecido por sua inteligência, é maior que um rei surgido pela sorte. Um jovem que vende sua obra é mais valioso do que um velho que vende sua barba.

19. Um mendigo de barriga cheia é o diabo encarnado; um preguiçoso não passa de um hipócrita.

20. Um amigo falso é como uma sombra: quando o sol brilha sobre você, você não consegue se livrar dele, mas quando as nuvens aparecem, ele não pode ser encontrado em lugar algum.

21. Seja franco com aqueles que não têm amigos; mantenha boa relação com quem tem muitos. Cuidado com os homens desinteressados; seja um porto seguro para os necessitados.

22. Não pode haver raiva sem vontade, amor sem fidelidade e professor sem alunos.

23. Enquanto você procura a felicidade, todos desejam o seu bem; mas depois de alcançá-la, o único que lhe quer bem é você mesmo.





Trigésima Oitava Palavra

Meus filhos, consolo do meu coração! Acabei de escrever algumas palavras sobre as ações humanas e lego o que escrevi a vocês como uma lembrança. Leiam com atenção e tentem entender o significado dessas palavras, e seus corações preencher-se-ão de amor. O amor humano é inseparável da razão humana, da inteligência e da humanidade. A fonte dessas virtudes são as perfeições que são concedidas do homem desde o nascimento: uma boa saúde e uma boa aparência exterior; o resto depende da nobreza da alma do pai e da mãe, de mentores sábios e amigos gentis. O amor gera aspiração e compreensão, enquanto a razão, a inteligência e a humanidade despertam o interesse pela ciência.

Uma criança não aspira a aprender por vontade própria. Ela deve ser persuadida por uma imposição ou atração até que ela mesma adquira uma sede de conhecimento. Uma criança que busca o conhecimento pode ser considerada um verdadeiro ser humano, e pode assim alimentar em si a esperança de conhecer Deus, de entender o seu próprio eu e o mundo ao seu redor, de saber praticar o bem, mas não à custa de sua honra, e evitar o mal. Caso contrário, ela estará condenada a viver na ignorância ou, na melhor das hipóteses, a adquirir apenas um conhecimento superficial. É uma vergonha que muitos pais, depois de criarem mal os filhos, os deixem aos cuidados dos *mulás*; mas esse aprendizado não terá sucesso. As crianças mimadas desde a infância não tendem a mostrar interesse em aprender sobre religião, nem respeito por seus tutores. Assim, elas nunca poderão se tornar homens dignos, *mulás* justos e verdadeiros muçulmanos. O mais difícil é fazer com que elas aprendam sobre humanidade. Pois Deus é o caminho da verdade, a sinceridade e a veracidade são inimigas do mal. Um amigo aceitará um convite feito por um inimigo? A verdade não pode ser alcançada a menos que a alma busque por ela. O conhecimento humano é adquirido por meio do amor pela verdade, da sede por descobrir a natureza e a essência das coisas para si mesmo. Isso não é, obviamente, a onisciência divina: a curiosidade humana e a busca pelas ciências fornecem à razão humana apenas uma parte do conhecimento.

Mas, acima de tudo, deve-se amar a Deus. Sabe-se que o conhecimento é uma das virtudes do Todo-Poderoso, portanto o amor pelo conhecimento é um sinal de humanidade e integridade. Aqueles que

buscam o ganho e objetivos egoístas nunca poderão atingir o ápice do conhecimento. Que a riqueza, o respeito e a fama encontrem o homem por vontade própria, somente então eles tornar-se-ão ornamentos dignos de uma pessoa. Por outro lado, uma consideração indevida só rebaixa ainda mais o homem.

Caso você tenha encontrado o amor pela verdade e pelo desejo de aprender, ouça atentamente seu eu interior e seja devoto. Aqueles que professam o Islã devem saber onde está a verdade do *imame*, pois a fé não é simplesmente um culto cego. Digamos que passamos a acreditar em Deus, que a sabedoria do Alcorão expressa a vontade do Senhor, e que Mohammad Mustafa, abençoado seja seu nome, seja o mensageiro do Senhor. Mas o que tal fé representa para você? Você acredita de fato em Deus ou está à procura de sua própria salvação? Deus não sofrerá com sua falta de fé. Se sua fé é necessária para o seu próprio bem, significa que você realmente acredita. Mas se a sua fé é apenas pela fé, você não ganhará nada com isso. Sua fé mostrar-se-á verdadeiramente justa e trazer-lhe-á o bem somente se você a desejar. Você deve saber por que esforços a fé de forma consciente e racional é alcançada...

Você acredita em Deus, em Suas faces e Seus nomes, então deve entender a grandeza de cada um dos Seus oito atributos principais, depois de se considerar muçulmano e seguidor do Todo-Poderoso, e de subordinar seus pensamentos e projetos de vida à vontade divina. Não diga por ignorância que você não pode se comparar a Deus. De fato, as criações do Todo-Poderoso não podem ser reproduzidas com exatidão, mas você pode segui-Lo em todas as suas ações. Estas são as virtudes mais representativas: vida, ciência, poder, vigilância, solicitude, desejo, palavra e criação.

O Criador também dotou o homem com os mesmos oito atributos, embora não com a mesma perfeição divina.

Agora, será que podemos ser chamados de muçulmanos se não empregarmos os dons concedidos, o mínimo que seja, e não com a finalidade de agradar ao Senhor? Devemos saber como agir de acordo com os oito atributos supremos de Deus, pois a natureza de Deus é tal que não precisa de nenhuma descrição de nossa parte; no entanto, nossa mente deve ter uma ideia clara de Deus nos oito atributos mencionados acima. Caso contrário, não podemos ter uma concepção do Senhor. Mas como conhecemos Deus apenas na forma como Ele se manifesta diante de nós, nenhum de nós pode conhecê-Lo em Sua plenitude. Mesmo os mais sábios entre os sábios nunca entenderão o significado pleno de Seus feitos, muito menos a essência de Sua natureza. Deus é todo-poderoso, já os nossos poderes são finitos. É impossível medir o

infinito com o finito. Ansiosos para fixarmos a ideia Dele em nossas mentes, repetimos: “Não existe deus senão Alá, Alá é único.” No entanto, as próprias noções de “é” e “um” não podem expressar a essência de Deus, que está além da compreensão humana, pois nenhum fenômeno na vida real pode escapar da dimensão de único. Essa dimensão também se aplica a todo o universo dentro do domínio de Deus, como revelado nas Escrituras Sagradas, em que é feita menção aos Seus oito atributos e noventa e nove Belos Nomes que expressam Sua imagem inimitável e Suas ações.

Mas aqui eu gostaria de me alongar um pouco mais em apenas quatro dos atributos de Deus; os dois primeiros são o conhecimento e o poder, enquanto os outros são um todo integral, aumentando e complementando a expressão daqueles dois primeiros. Além deles, gostaria de destacar mais um dos atributos divinos: a vida.

Dizemos: “Não existe deus senão Alá, Alá é único.” Nós o percebemos e o estudamos como a força do conhecimento. Mas vamos ponderar se as noções de “ser”, “único”, “poder” e “conhecimento” são realmente poderosas. Não há dúvida de que o poder do conhecimento é uma força real: onde há vida, há vontade. Mas onde está o conhecimento, a vontade também é inevitável. Por si só, o conhecimento não dará nada. Tudo na Terra é posto em movimento pela onipotência do Todo-Poderoso. Uma das propriedades intrínsecas da vontade é a palavra, ou seja, a fala. A palavra pode dispensar as letras escritas e a voz? Somente a palavra de Alá é sem letras e sem voz. Mas, como existe a necessidade de falar, deve haver a capacidade de ouvir o que é dito e ver o que é visível. Deus não ouve e vê como nós, com ouvidos e olhos; essa faculdade de ver e ouvir sem olhos e ouvidos é uma vantagem esmagadora, é o poder do conhecimento.

Outro atributo de Deus é a criação, que significa a comprovação. Se considerarmos que a criação, como um dos atributos de Alá, persiste no ato de comprovação sem fim e não se liberta dela por si mesma, ela não pode ser independente como a ciência e o poder, pois sempre deve ser subordinada, obediente à comprovação; esse seria um sinal de impotência e submissão da criação. No entanto, a subserviência não pode ser própria de Deus. A criação reforça o atributo do poder, daí temos que a ciência e o poder concentram todos os oito atributos de Deus. O conhecimento é ilimitado e perfeito. O poder é onipotente e infalível. Um artesão é julgado por suas obras. Não é dado a nenhum mortal compreender em sua plenitude o trabalho colossal e a força onipotente que criaram e uniram tudo o que contemplamos e percebemos.

Se o homem é guiado por sua razão e se utiliza de sua força para todas as suas ações, surge a pergunta: esses não são os mesmos atributos seguidos por Deus? As noções de conhecimento e poder devem ser percebidas em conjunto como um poder onisciente, pois, de outro modo, um colocar-se-ia como o líder do outro, o que também é contrário aos ensinamentos de Deus.

Mas, então, será que os oito atributos de Deus não se fundem em uma única imagem, mesmo sendo diferentes e independentes? Todas essas propriedades provêm de um Criador e, juntas, personificam a imagem integral e inimitável de Deus. Cairemos no erro atribuindo alguma premeditação à sua união e acreditando que ela foi forjada com o propósito expresso de formar uma imagem onipotente.

A força do homem reside em sua razão e em seu conhecimento. O poder do Todo-Poderoso se evidencia no conhecimento, na compaixão e na misericórdia. Embora misericórdia e compaixão não sejam mencionadas entre os oito atributos divinos, elas figuram entre os nomes de Deus: o Misericordioso, o Magnífico, o Todo-Misericordioso e que tudo perdoa, o Compassivo, o Protetor, o Beneficente... Esses nomes de Deus confirmam os meus argumentos. A lógica do meu raciocínio também é confirmada pela maravilhosa harmonia do universo criado. De fato, tudo foi projetado para benefício mútuo. Os corpos inanimados não sentem dor e servem como alimento para criaturas animadas; os animais sustentam a vida de seres inteligentes, a humanidade; os animais estão isentos do Juízo Final, enquanto o homem é dotado de razão e tem domínio sobre tudo na Terra. Deus criou o homem capaz de responder por suas ações no Dia do Julgamento, isso testemunha Sua justiça e amor para com a humanidade. Deus criou o homem não segundo a imagem de vermes, pássaros do ar ou outras criaturas vivas, mas colocou o homem sobre duas pernas, colocou a cabeça do homem em uma posição elevada, de modo a permitir-lhe contemplar o mundo circundante e não deixá-lo engatinhar em quatro patas, como os animais, para obter sua comida; Deus dotou o homem com dois braços e duas mãos a serviço da cabeça; deu ao homem um nariz para apreciar aromas perfumados; Ele concedeu os olhos para ver e contemplar, as pálpebras para proteger os olhos, os cílios para impedir que as pálpebras se esfregassem e as sobrancelhas para impedir que o suor escorresse pela testa; a língua foi dada para permitir à humanidade que se comunicasse, se entendesse e trabalhasse em conjunto. Isso não testemunha o amor de Deus pelo homem? Mas, se alguém o ama de tal forma, não parece que o mínimo que você tem a fazer é retribuir esse amor?

Paremos para pensar: o Sol evapora a umidade e propicia a formação de nuvens que deixam cair a chuva que dá vida a sementes, ervas e flores que alegrem os olhos e o coração dos homens; todos os tipos de frutas e cana-de-açúcar amadurecem para sustentar a vida na Terra; os rios que desembocam nos mares e lagos saciam a sede de pássaros e animais, e servem de lar para peixes. A Terra é a doadora de pão, algodão, cânhamo, frutas e bagas; suas entranhas contêm riqueza mineral; os pássaros fornecem ao homem penas, ovos e carne; o gado dá leite, lã e pele. Nas águas se reproduzem os peixes, dos peixes é retirado o caviar; as abelhas produzem o mel e a cera, os bichos-da-seda nos entregam a seda. Ninguém no mundo pode dizer sobre essas riquezas: “Tudo isso é meu!” Tudo é destinado ao bem do homem. Fábricas e máquinas, criadas pelo homem, também se destinam a beneficiar o próprio homem.

Será que pode haver maior prova de amor do Criador pelo homem? E, assim sendo, não passa a ser um dever do homem retribuir amor com amor?

Para impedir a humanidade de exterminar espécies animais por pura cobiça e, assim, prejudicar as gerações seguintes, Deus os protegeu da avidez humana ao lhes dar força e velocidade para que pudessem encontrar refúgio em águas profundas, no alto de montanhas rochosas, nas profundezas das florestas; todo ser vivo tem o desejo de se multiplicar, é dotado do instinto de autopreservação e de criação de seus filhotes. Tudo foi pensado de forma que os animais não devessem se tornar iguais ao homem, mas devessem fornecer alimento ao homem. Tudo isso é a manifestação da bondade e justiça divinas para conosco.

Não paramos para pensar que a bondade e a justiça são mandamentos da lei islâmica. Ao nos considerarmos muçulmanos e fiéis a Alá, será que seguimos rigorosamente todos os mandamentos? Será que necessitamos de alguma outra prova, além dos corpos celestes, dos cuidados e preocupações que Deus dedica ao homem?

Gostamos de ver as boas ações vindas de outras pessoas. Mas não nos preocupamos com o próximo. Isso não é um pecado?

Quem permite o mal e não se opõe a ele não pode ser considerado um verdadeiro muçulmano.

Onde está o caminho certo indicado pelo Todo-Poderoso? Muitos não sabem. Eu nunca vi um muçulmano que tenha absorvido as palavras do Profeta: “Pense nos feitos de Alá”, ou siga as palavras da oração: “Ame a Deus, e Ele amará você.”

“Faça o bem às pessoas, pois Deus ama aqueles que fazem o bem.”

“Os crentes realizam boas ações, e seu lugar é o paraíso.”

O Alcorão está repleto de tais versículos, mas nenhum de nós analisa profundamente seu significado; falta-nos vontade e conhecimento suficientes para compreender tais verdades.

Há pessoas que acreditam em Deus, que consideram seu dever sagrado fazer o bem aos outros, pois sabem que Deus não ama os que têm má vontade. Prova disso são estas palavras do Profeta, que Alá o abençoou: “Quem é injusto não tem consciência. Quem não tem consciência também não tem fé.”

Por isso, vemos que a fé não pode vir por si mesma; ela nasce da justiça e da boa vontade. Mas a justiça e as virtudes não são obtidas apenas pela oração e adoração cega. Acredito que nenhuma prova disso seja necessária: podemos observar os muçulmanos zelosos em suas orações e rigorosos em seu jejum, mas isso não é suficiente.

A justiça é a mãe de todas as boas ações. A consciência e a honra são oriundas da justiça. Um homem justo certamente irá parar para pensar e se perguntará: “Por que eu aprovo as boas ações dos outros, mas não me ponho a praticá-las?”

Por acaso isso não indica sua justiça e honestidade? Não parece ser esse o início de uma boa ação? Mas por que, então, em sua preocupação com outras pessoas, o homem não mostra a mesma preocupação com o Criador?

O desejo de fazer o bem nasce da capacidade de se contentar com pouco. Não perca o senso de justiça e nunca se canse de fazer o bem. Não pode haver fé, nem humanidade e bondade, sem justiça. De acordo com os ensinamentos do Sufi Allahyar¹⁹, um pecado gera outros cem.

Em nossa consciência, concebemos o Senhor como Onisciente, Todo-Misericordioso e Justo. Se há sinais de ciência, compaixão e justiça, isso significa que você busca aprender e, assim ser um verdadeiro muçulmano, dotado de grande humanidade. É do conhecimento de todos que a *zhauanmart*, ou nobreza da alma, incorpora três virtudes: veracidade, boa intenção e razão. A veracidade personifica a justiça, a boa intenção representa compaixão e misericórdia, e a razão, como sabemos, é um dos nomes da ciência. Essas qualidades, embora em pequena escala, são próprias do homem, e é dever deste esforçar-se por aperfeiçoá-las, usá-las para o bem e cuidar de guardá-las em seu coração. Isso só pode ser alcançado por meio de um desejo sincero e de um esforço incansável. O Profeta possui as três qualidades acima, assim como os santos, os sábios e os verdadeiros muçulmanos; essas qualida-

¹⁹ Sufi Allahyar (1644-1721): poeta uzbeque, filósofo, representante dos ensinamentos sufis na Transoxiana (Mawara al-Nah), nome antigo da região da Ásia Central correspondente aos atuais Uzbequistão, Tadjiquistão e sudoeste do Cazaquistão.

des são destinadas a servir ao Todo-Poderoso, e foram pregadas pelo Profeta com complacência dos santos. No entanto, o amor dos santos preocupa-se apenas com a vida eterna, não se ocupando, portanto, com as alegrias e o gozo deste mundo.

Os sábios, no entanto, pensam e se preocupam com a vida neste mundo. Os julgamentos dos santos e dos homens instruídos são contraditórios, embora não estejam muito distantes em seus pontos de vista, e ambos apoiem os ensinamentos de Alá. Mas não parece justo que todas as disputas sejam finalizadas com a satisfação mútua?

A ciência e a razão, como a própria natureza humana, não suportam a violência contra eles, repudiam a falsidade, nos ensinam a ser sinceros e bondosos em nossas ações, ou seja, no que consiste predominantemente a misericórdia.

Mas acredito que os santos e os sábios buscam satisfação nas disputas apenas para satisfazer sua vaidade.

Se a humanidade tivesse escolhido o caminho de *tariká*²⁰, o caminho indicado pelos santos, o mundo teria caído em desolação e decadência. Quem, então, teria colocado o gado para pastar, quem teria repellido o inimigo, quem teria feito roupas e quem teria semeado o trigo e extraído as riquezas das profundezas da Terra?

Ao renunciarmos às coisas boas que o Todo-Poderoso nos concedeu, não corremos o risco de ser descortes, irracionais e ingratos, cometendo assim um pecado grave?

Aqueles que escolheram esse caminho podem estar fadados ao desaparecimento ou se tornar uma presa fácil para os incrédulos, e os mais fracós dentre eles será abandonado em desgraça.

Se esse caminho é predestinado para apenas metade dos muçulmanos, surge a pergunta: existe uma verdade que só se aplica a uma metade? A verdade deve ser a mesma para todos? Pode haver uma verdade seletiva? Ou uma justiça seletiva? Se assim for, não pode haver vida para as pessoas, afinal, a vida é a verdade suprema. Não pode haver perfeição sem vida.

No entanto, nem todos os santos menosprezaram as coisas boas deste mundo. Sabemos que três seguidores próximos do Profeta – Hazret Usman, Abd-ar-Rahmán-ibn Awf e Sahid ibn Abduqas – eram famosos por suas fortunas.

Podemos explicar a estrita abstinência dos santos pela falta de confiança em sua força, pelo medo de ser tentados pelas alegrias terrenas, que sem dúvida poderiam causar o enfraquecimento de sua fé. Ou talvez essa abnegação venha do desejo de desviar a atenção dos homens,

²⁰ *Tarika*: ordem espiritual do sufismo, ensinamentos e práticas para alcançar a verdade suprema.

por exemplo, na esperança de que as pessoas comuns, vendo sua humildade, abandonassem paixões más e objetivos egoístas, e escolhessem o caminho do amor e da caridade. Se tudo isso é realizado unicamente por amor altruísta pelas pessoas, seus sacrifícios não são justificados, esse caminho é errado e perigoso, mas para muitos outros é necessário. Somente pessoas totalmente comprometidas com a fé, que obtiveram o mais alto conhecimento, que dispõem de grande força espiritual e possuem excepcional coragem e firmeza, verão a luz da verdade. É quase impossível encontrar todas essas qualidades em uma só pessoa; ou seu possuidor pode vir a ser um grande impostor.

O desejo de distinguir-se e elevar-se acima de todos os outros estraga a natureza humana. Um homem ignorante que se diz seguidor do caminho de *tarika* reconhece, assim, sua própria imoralidade.

O pensador e o sábio são essencialmente os mesmos, mas diferem em seus caminhos de cognição. O conhecimento externo, reconhecido pelo mundo, é entregue a nós na forma de preceitos. Os professores que obtiveram melhores resultados em seus preceitos são chamados de sábios.

Nada é criado sem uma razão. Pode ser que os sábios sejam imbuídos do desejo de compreender os mistérios do poder de Deus, o que não é proibido a ninguém; ou será que eles buscam aprender com um amor infinito do próprio Deus? Mas seria apropriado falar de tal amor se não foi dado ao homem o direito de conhecer Deus?

Somente um amor nascido de um entendimento claro, de uma fé infinita e de um sentimento de gratidão a Deus por criar os seres humanos com muito amor e dotá-los, por sua vez, da capacidade de amar e sentir pena, somente isso pode ser chamado de amor verdadeiro pelo Todo-Poderoso.

Somente aqueles que procuram conhecer Deus por meio de sua própria inteligência, que buscam a causa primeira de todos os fenômenos e coisas; aqueles que buscam a verdade, a justiça e o bem para o bem da humanidade; para eles, não há outra alegria ou satisfação na vida além de seu trabalho. Se não houvesse tais pensadores seguindo o caminho certo, o mundo inteiro teria se arruinado. Esses verdadeiros sábios são a espinha dorsal de tudo o que é feito pelas mãos humanas; suas mentes põem em ordem tudo o que está na Terra. Suas atividades são direcionadas ao bem-estar nesta vida; pois, como se diz, a vida terrena é um campo cultivado para a vida futura.

Nem todo homem erudito é sábio, mas todo sábio é erudito.

A fé tradicional é adquirida com a ajuda de preceitos dos sábios, mas é pela ilustração do sábio que ela se converte na verdadeira fé. Isso é

alcançado pelos sábios que entenderam o significado supremo do Islã. Os estudiosos do conhecimento mundano, no entanto, não conhecem os princípios da religião, apesar de estar em busca da verdade e ter conseguido desvendar os enigmas do universo e da existência humana por si mesmos. Das sete condições da *Xaria*²¹, eles são capazes apenas de reconhecer Alá, mas não podem diferenciar os amigos de Alá daqueles que são seus inimigos. Embora esses estudiosos não possam ser nossos pastores espirituais, eles merecem nossa gratidão, pois, segundo as palavras do profeta na *Hádice*²², aqueles que fazem o bem a outros são considerados os melhores entre os homens.

Tais homens não conhecem o sono, não descansam e não se divertem; eles perseveram em uma incansável busca por descobertas que podem ser úteis para a humanidade. Eles deram ao homem a eletricidade, o poder do raio, aprenderam a se comunicar por imensas distâncias, obrigaram o fogo e a água a realizar um trabalho colossal que nem milhares de homens podem fazer. Eles melhoram a mente humana, nos ensinam a distinguir entre o bem e o mal, e certamente somos gratos a eles por muitas coisas. Os *mulás* atuais são contra os homens instruídos, fato que atesta a ignorância do clero ou suas más intenções; pois se diz: o homem, por sua própria natureza, está inclinado ao pecado. Muitos de seus alunos, tendo aprendido de cor algumas orações em árabe ou em persa, consideram-se capazes de participar de disputas e se orgulham disso; em vez de praticarem boas ações, eles prejudicam as pessoas e as desviam por sua grande eloquência. Alguns deles prejudicam não com uma intenção maliciosa, mas obedecendo ao seu instinto natural. É um prazer quando um deles, atendendo à palavra verdadeira, volta ao redil da consciência. Mas você pode chamar alguém que obstrui a verdade de homem de consciência? A presunção, ou a presunção infundada, estraga o homem. Se a verdade ainda é chamada de verdade, e a verdade é Alá, não se deve opor-se a ela, mas, sim, tentar entendê-la e raciocinar corretamente. Pois a ilusão carrega o perigo de se alienar da religião.

Quando o grande Profeta, abençoado seja seu nome, disse: “Chegará um dia de duração igual a um ano”, os teólogos, então, perguntaram: “Quantas orações deverão ser rezadas nesse dia?” E eles receberam como resposta: “Os homens instruídos dessa época saberão.” Será que, ao se manifestar dessa forma, o Profeta sugeriu que os cânones da religião devem mudar e assumir novas formas ao longo do tempo?

²¹ *Xaria*: nome dado ao direito islâmico. Em muitas sociedades islâmicas, não há separação entre a religião e o direito.

²² *Hádice*: conjunto de leis, lendas e histórias sobre a vida de Maomé.

Hoje em dia, os métodos de ensino na *madraça*²³ estão irremediavelmente desatualizados e deixaram de ser úteis, ou até mesmo se tornaram prejudiciais. Como resultado, novas escolas foram abertas na Turquia, onde, juntamente com a divindade, são ensinadas ciências militares e outras. Nossa juventude gasta muitos anos em memorizações vazias na *madraça* e se torna ignorante, irracional e incapaz de trabalhar, podendo sair dali apenas para cometer fraudes e enganar. Os ensinamentos dos *mulás* não fazem nada além de prejudicar.

A beleza do universo criado enobrece a razão humana. Pode acontecer que o homem, encontrando-se na miséria e na escassez, perca sua forma humana e se transforme em um animal. Não ter nenhum desejo de entender as ciências e os estudos mundiais é também um sinal de ignorância condenado no Alcorão.

Há uma grande diferença entre a riqueza acumulada para se destacar entre os demais e a riqueza acumulada com o objetivo de ajudar os necessitados e não depender dos outros.

Não devemos procurar adquirir conhecimento com o objetivo claro de obter lucro. Pelo contrário, devemos usar a riqueza para adquirir conhecimento. A arte é um tesouro inesgotável, e não há nada mais nobre do que aprendê-la. O conhecimento deve servir à justiça e responder às exigências da lei divina. O homem não deve apenas admirar as boas ações dos outros, mas também realizar suas próprias boas ações.

Falando a respeito dos *mulás*, eu gostaria de alertá-los sobre os *ishans*²⁴ em particular. Seus ensinamentos são falsos e perigosos. Muitos deles são ignorantes que não conhecem as leis reais da *Xaria*, mas mesmo assim fizeram a opção de servir a Deus. Eles tentam ensinar aos outros, apesar da escassez de seu próprio conhecimento; as doutrinas desses sedutores da humanidade são prejudiciais mesmo para as falsas religiões. Eles encontram apoio entre os tolos e suas palavras são falsas; os únicos testemunhos da sabedoria deles são o rosário, o turbante e nada mais!

Vocês devem saber, meus filhos, que o caminho do Todo-Poderoso é infinito, e ninguém é capaz de percorrê-lo até o fim. Quem está decidido a seguir esse caminho é considerado um verdadeiro muçulmano. Mas se o seu objetivo é adquirir riqueza, em sua mente limitada, você não conseguirá seguir o caminho de Deus. Mas qual seria a razão dessa ganância incompreensível e dessa cobiça pelas riquezas do mundo? Se você pretende compartilhar com as pessoas o seu dinheiro, o gado, o conhecimento e outras coisas boas que você tem, você está no caminho

²³ *Madraça*: escola muçulmana ou uma casa de estudos islâmicos.

²⁴ *Ishan*: líder religioso.

do Senhor, o único caminho sem fim. Aqueles que o escolheram são considerados Seus verdadeiros servos, e podem nutrir a esperança de se aproximar de Deus. Que esperança pode haver em um outro caminho?

Os esforços e atitudes de alguns estão direcionados apenas a melhorar a aparência exterior, são aqueles que se preocupam em demasia com as roupas e com o modo de andar, considerando que essa é uma ocupação louvável. Essas pessoas estão ansiosas para se exibir, como se estivessem no mercado, e despertam inveja entre os tolos, cuja inteligência parece estar localizada apenas nos olhos. Ao olharmos para eles, percebemos que alguns são consumidos pelo ciúme, enquanto outros se desgastam tentando copiá-los. Quem ganha com isso? Quanto esforço foi gasto apenas para impressionar os outros com uma mera aparência? Os méritos do homem não estão na aparência, mas na pureza de sua mente, em sua essência espiritual, é isso que importa para Deus. Será mesmo que essas pessoas vão parecer mais inteligentes ao se olhar no espelho durante o dia todo? O homem aprimora sua razão por meio do amor infinito e inesgotável pelo bem.

Com sua infinita maestria, Deus criou o universo e o homem, para que este pudesse se elevar e procriar. É um dever sagrado de cada um de nós aumentar o número de amigos. Isso depende da nossa cordialidade e disposição em relação às outras pessoas, algo que deve evocar um sentimento semelhante em resposta. Não devemos desejar mal a ninguém, não devemos nos posicionar acima deles por meio de palavras ou ações.

Mas alguém é capaz de se elevar espiritualmente, e isso pode ser feito de diversos modos.

Primeiro: por meio da capacidade de preservar a dignidade humana, mesmo mediante períodos de grandes provações; tal feito enobrece o homem.

Segundo: a soberba e a ostentação de suas virtudes podem apenas prejudicá-lo.

Terceiro: a maldade, a humilhação e o menosprezo em relação aos outros geram animosidade.

A vontade de se destacar entre os outros é uma consequência frequente do desejo de se exibir, isso desperta inveja, e uma inveja acarreta outra.

A ausência desses vícios traz paz à alma humana, e apenas em uma alma em paz consigo mesma pode nascer a aspiração.

Há três coisas que devem ser evitadas por degradar o gênero: a ignorância, a preguiça e a maldade.

A ignorância significa a ausência de conhecimento, pois, assim, nada pode ser alcançado; a falta de conhecimento iguala o homem aos animais.

A preguiça é o pior inimigo das artes; a falta de talento, de vontade e de vergonha, bem como a pobreza, nasce da preguiça.

A maldade é inimiga da humanidade: ao fazer o mal aos outros, o homem se afasta de sua própria espécie e se torna um animal selvagem.

O antídoto para esses vícios é o amor para com o homem, o desejo de um bem-estar comum, firmeza de espírito, justiça e conhecimento profundo e irrestrito. Destine todo o seu conhecimento da maneira indicada por Deus, porque Deus não poupou esforços para a criação de um mundo harmonioso e perfeito. Sendo assim, você também deve realizar seu trabalho com o mesmo esmero e boas intenções. Tudo o que Deus criou tem seu propósito; os frutos de seu trabalho devem sempre servir para o bem das pessoas; caso contrário, qualquer trabalho será inútil e sua fé será em vão.

É do conhecimento de todos que as criações de Deus não se deram sem dificuldades e nada foi feito sem um propósito. Tudo tem seu objetivo e sua razão. Cabe ao homem que anseia por conhecimento lembrar que o trabalho deve ser feito com um propósito.

O Profeta, louvado seja o seu nome, nos deixou estas palavras: “Antes de empreender qualquer coisa, você deve ter um propósito e uma aspiração.”

Você, então, decidiu fazer suas abluções²⁵, suas orações, e observar os jejuns a partir de agora. Bom, mas não representa um pecado se preocupar apenas com a aparência externa dos ritos? Se sua alma é pura, a observação dos ritos sagrados refletirá em sua vida espiritual, e a ordem externa apenas adornará e enobrecerá sua fé. Não é por essa razão que os sábios disseram que há apenas uma fé, que é consagrada por grande paciência e que, sem a sua restrição, ela pode até estar condenada à perdição. Isso foi dito aos ignorantes, preocupados apenas com a aparência dos ritos, e que se esquecem do objetivo principal: a fé.

Tenho motivos para acreditar que os ignorantes estão convencidos de que basta realizar os ritos obrigatórios para ser considerados muçulmanos. Mas não é assim, pois os ritos não passam de guardiões da fé. Mas de que serve um guarda que apenas lembra as pessoas, mas não se preocupa com a segurança e a preservação de um objeto precioso pelo qual é responsável?

O que seria da fé sem constante vigilância? Preservar o tesouro sob sua custódia puro e intato – esse não parece ser o verdadeiro objetivo?

Aqueles que são incapazes de compreender o significado dos símbolos rituais: prestem atenção! A parte mais importante é a *namaz*. Mas antes das orações, você deve fazer suas abluções. Isso é feito depois que você se purifica. Lembre-se disso! A cerimônia de ablução deve terminar passando as mãos molhadas sobre os pés. Tais atos rituais são de significado simbólico.

²⁵ No Islamismo, a ablução é obrigatória antes de cada oração.

Após ter purificado o corpo, são realizadas as abluções, terminando de purificar as partes do corpo invisíveis aos olhos dos outros. Isso certamente não interessa aos que são alheios à fé; mas, com essas ações, você mostra às pessoas que sua alma é pura e que deseja que sua aparência externa esteja de acordo com sua condição interior. No estado de completa purificação e paz de espírito, você prossegue com a *namaz*.

Namaz significa orações e encantamentos.

O leve toque dos dedos molhados no pescoço e nos pés significa que você se purificou.

Ao começar a oração, toque suas orelhas com os dedos, para mostrar que você não ousa levantar suas mãos mais alto do que isso diante de Deus. Esse movimento ratifica sua crença: Deus não existe senão por Alá! Isso atesta sua fervorosa súplica ao Criador: “Não me deixe afundar na vaidade mundana, estenda a mão amiga!”

A cabeça e os braços cruzados sobre o peito indicam que você não está apenas como um escravo diante de um mestre, não como um homem comum diante de um rei, mas como alguém que se reconhece como uma criatura fraca e humilde e se compromete com a justiça e a onipotência do Deus mais sábio.

O rosto voltado para a *Alquibla*²⁶ significa adorar o local da suposta aparição do Todo-Poderoso, mesmo sabendo que não há lugar na Terra digno da permanência do Senhor. Temos esperança de que nossas orações cheguem aos ouvidos do Senhor.

A leitura da *namaz* se inicia com a *sura*²⁷ de *Fatiha*. Esta é uma oração longa e repleta de significado. As genuflexões feitas com as mãos apoiadas nos joelhos são um sinal de que o suplicante muçulmano se apresenta diante de Deus.

A primeira reverência, tocando o chão com a testa, significa que o homem vem do pó da terra, e a segunda, que ao pó ele retornará. Virar o rosto para o céu é um sinal de esperança e fervorosa súplica pela ressurreição após a morte.

As orações são concluídas com mais uma prostração e palavras de saudação absoluta ao Todo-Poderoso e a Seu Profeta, que Deus o abençoe e deseje paz, unidade e prosperidade a todos os muçulmanos!

O que podemos aprender com essa palavra?



Trigésima Nona Palavra

Para dizer a verdade, os nossos pais e avós estavam certamente atrasados em relação à geração atual no que diz respeito à educação; o aprendizado, a civilidade, os costumes e a linguagem eram rudes. No entanto, eles possuíam duas qualidades que não possuímos.

Superando, pouco a pouco, as deficiências que herdamos de nossos antepassados, perdemos essas qualidades. Se tivéssemos determinado em nosso caráter e feito o máximo para salvaguardar as velhas virtudes ao adquirir novas qualidades, poderíamos ter nos desenvolvido assim como as outras nações. Mas, como não temos determinação e força de caráter, deixamos que as qualidades recém-adquiridas estabelecessem conotações demoníacas, e não humanas, em nós. Essa é uma das principais razões pelas quais perdemos nossas qualidades nacionais.

Caso você queira saber quais eram essas qualidades, eu responderei: naquela época havia os chamados *El-basy*, que significa o líder do povo, e *top-basy*, que significa o líder da comunidade. Todo o acompanhamento da vida das pessoas e a verificação de todas as reclamações estavam nas mãos dessas pessoas. As demais pessoas cuidavam dos seus negócios e de si mesmas. A vontade do chefe do povo e do chefe da comunidade era uma lei: “Quando cada um é seu próprio juiz, as pessoas não podem viver juntas, mesmo em uma terra sem limites; quando uma comunidade tem um chefe, ninguém se queima nem mesmo no fogo.”

O povo entregava o comando aos líderes e não contestava a decisão dos líderes. Todos demonstravam o devido respeito para com o mais velho. O povo tinha elevada consideração por eles justamente pelo fato de que a riqueza de um povo é a riqueza de todos, o povo é uma família.

A segunda qualidade dos antepassados: as pessoas valorizavam a honra.

Se alguém pedisse ajuda a outros, invocando os nomes dos antepassados, todos se apressariam, esquecendo todas as ofensas e brigas, para ajudar, prontos para fazer concessões e sacrifícios. Sobre isso, temos vários provérbios: “Quem não sabe perdoar um próximo será ofendido por um estranho”, ou: “A busca por uma vingança pessoal é prejudicial ao bem comum”, ou ainda: “Pode haver pessoas más entre os parentes, mas não há repúdios.” E também: “Se seis homens estão em conflito,

eles perdem o que têm em suas mãos; mas se quatro estiverem de acordo, a graça celestial cairá sobre eles.”

Antigamente, não gostavam de discussões e costumavam dizer: “Quem procurar o caminho certo encontrará tesouros, mas quem procurar brigas encontrará aflições.”

Não temos mais essas duas qualidades de nossos ancestrais. Eles se preocupavam com a felicidade e com a criação de uma unidade. Perdemos essas duas virtudes. A nossa amizade é uma mentira, e nossa inimizade é baseada na inveja e na traição.



Quadragésima Palavra

Homens honrados, gostaria de lhes fazer algumas perguntas:

Nós, cazaques, não falamos mal dos mortos, mas não encontramos pessoas dignas entre os vivos. Por quê?

Os velhos vivem em paz com os jovens, mas brigam constantemente entre si, mesmo que seus contemporâneos vivam menos a cada dia que passa. Por quê?

Assim que alguém viaja para algum lugar no estrangeiro, todo mundo começa a amá-lo como um irmão. Mas quando ele volta, nós o obrigamos a sair de perto de nós. Por quê?

Ao conhecer alguém de outra família, as pessoas se colocam em seu favor e elogiam suas qualidades, enquanto entre os seus não conseguem ver sabedoria e nobreza. Mais uma vez eu questiono: por quê?

Ao viajarmos para terras alheias, louvamos nossas terras, inventamos várias mentiras e, ao retornarmos, não fazemos outra coisa além de elogiar as terras estrangeiras e novamente mentir. Por quê?

Os pais demonstram ternura e bondade para com os filhos, desde que sejam pequenos. Quando crescem, o relacionamento esfria. Por quê?

É tão difícil reunir nossos parentes em uma ocasião alegre ou triste, mas eles aparecerão rapidamente se o assunto for a participação em roubos ou ataques. Por quê?

Os parentes invejam a sorte do cavalo de um parente, ganhador de uma corrida, e depois se ofendem se não forem lembrados na divisão do prêmio. Por quê?

Antigamente, as pessoas se lembravam daquelas que as ajudaram ao longo da vida, mesmo que tivesse sido uma única vez, a ponto de carregar essa gratidão até a morte. Hoje em dia, no entanto, as pessoas logo esquecem as boas ações. Por quê?

O filho de um *bai*, ao perder dinheiro, não tem vergonha de roubar, mas considera uma vergonha servir a outro *bai*. Por quê?

Dois homens de bem de uma mesma família são incapazes de se relacionar, enquanto dois patifes sempre fazem amigos. Por quê?

Você considera seu amigo aquele para quem deu um bom cavalo, e ele se afasta de você assim que ele recebe um potro de seu inimigo. Por quê?

Muitas vezes o homem não valoriza um amigo com quem ele convive em harmonia, mas está pronto para dar a vida por um inimigo que apenas uma vez lhe prestou um serviço. Por quê?

Por vezes, não desejamos o bem a nossos amigos, e caso um desses amigos tenha sorte na vida, ele se torna inimigo irreconciliável. Por quê?

Algumas pessoas procuram desconhecidos para aconselhá-las e evitam os conselhos daqueles que as conhecem bem. Por quê?

Alguns convidados se comportam como se tivessem trazido todo o seu rebanho de bom grado, mas quando são eles os anfitriões, fazem de conta que seus rebanhos foram todos levados para longe. Por quê?

As pessoas anseiam por paz e tranquilidade, mas, se a paz vier para ficar, elas se cansam dela.

Por que nosso povo é governado por espertalhões?

Por que, quando um homem mais velho arruma para si uma segunda esposa, bem mais jovem, ele passa a se sentir orgulhoso e presunçoso?

De onde vem isso?

Por que os vilões são corajosos?

Por que o homem fraco é tolo e teimoso?

Por que os que mostram contenção e vivem em paz passam por fracos, enquanto aqueles que são depravados, orgulhosos e criadores de problemas são considerados ousados? Por quê?

E ainda tenho uma última pergunta: os cazaques não dão ouvidos a palavras verdadeiras e não encontram tempo para isso, mas estão prontos para ouvir todo tipo de fofocas, difamação e calúnia e não vão embora até ouvir tudo sobre o assunto, mesmo que um dilúvio, nesse intervalo de tempo, arraste todas as suas propriedades.



Quadragésima Primeira Palavra

Uma pessoa que queira não apenas instruir os cazaques, mas também lhes mostrar o caminho, deve atender a duas condições.

Primeira: ela precisa ter o poder e a influência nas mãos para retirar as crianças dos pais e encaminhá-las para a escola, separando-as em especialidades diferentes. É preciso que a população forneça recursos para essas escolas e que nelas estudem todos, até mesmo as meninas. Se assim for, a geração de jovens cazaques, quando ocupar a posição de seus pais, que já estarão idosos, poderá passar a seguir tal caminho.

Parece-nos claro que, para atender à condição primeira, aquele que quiser instruir os cazaques deve ter muitos recursos.

A segunda condição é, provavelmente, ter de subornar os pais para poder tirar as crianças de casa e dar a elas educação.

Mas tamanho poder e tamanha riqueza para lidar com tudo isso não existem. Sem poder e sem agrados, é impossível instruir os cazaques com conselhos e exortações para mostrar o caminho da verdade. A ignorância absorveu a carne e os ossos do povo, juntamente com o leite materno, e devorou a humanidade.

Como é possível conversar com eles se eles não entendem as palavras, se como resposta há risadinhas, sussurros, gritos e rosnados; eles acham que não há nada no mundo mais interessante do que esses sons?

Como conversar com eles, se eles não são sequer capazes de ouvir? O tempo todo desviam o olhar para todos os lados, olham por vezes para o longe e gastam o tempo pensando em outra coisa.



Quadragesima Segunda Palavra

O cazaque se afeiçoou ao mal por conta da ociosidade. Se ele se ocupasse em lavrar a terra ou se dedicasse ao comércio, será que lhe sobriaria tempo para ter pensamentos ruins?

Atualmente, ele sente prazer nisso, por ter implorado a alguém para emprestar por um tempo um cavalo, vaguear de uma aldeia a outra para comer de graça, espalhar fofocas e calúnias, provocar os outros e abandonar seus próprios negócios para viver na esperteza, sem nenhum objetivo ou propósito.

Uma pessoa acostumada a trabalhar deve considerar essa situação humilhante, ela nunca trocaria seus afazeres por uma vida errática.

Os *bais* deixam seus rebanhos sob os cuidados de pastores, suportam ver suas riquezas tomadas por ladrões e lobos, mas não admitem ficar alheios aos segredos, às calúnias ou às fofocas. Os *bais* não conseguem deixar de frequentar as aldeias vizinhas, nem ficar sem enfiar o nariz em todo tipo de confusão, em todo tipo de sujeira. Eles também querem comer de graça e relinchar de prazer como um animal.

Caso lhes perguntem como tudo isso se tornou um hábito do povo, dirão que um homem que se dedica com afinco ao gado ou a outros negócios, de acordo com a nossa concepção, não é considerado digno de respeito. Mas aquele que é capaz de todo tipo de truques traiçoeiros e que espalha fofocas nas aldeias, este, sim, recebe elevada estima.

Todos os cazaques mais ou menos capazes mandam seus gados para que os amigos tomem conta, dizendo apenas: “Você diz, fique de olho nos meus rebanhos”, enquanto ele mesmo se envolve em fofocas, parasitismo e vadiagem pelas aldeias vizinhas.

As pessoas não têm orgulho da riqueza, da inteligência ou da honra, elas se orgulham da capacidade de trapacear e de denunciar.

Quando alguém é um informante e enganador, mesmo sendo um homem pobre, ele ainda adquire um cavalo de sela, um chicote grosso e sai em visita. É recebido em um lugar de honra, mesmo que por pouco tempo, e alimentado com pedaços gordurosos de carne.

O enganador instiga os *bais* arrogantes e simplórios falando: “É só me dizer, e eu farei qualquer coisa por você!” E os *bais* o ouvem, se gabam, não pensam sequer em sua propriedade e saem presenteando o enganador com um cavalo.

Então os *bais* abrem os cofres, sem obter nenhum benefício disso.

Caso um *bai* precise falar com alguém, ele consulta primeiro um patife qualquer, e o patife o bajula e galopa diante dele, temendo apenas a rivalidade. Ele teme que o *bai* faça amizade com uma pessoa de outros hábitos, e então ele, um patife, se sentirá menos honrado. O patife, afinal, diz: “Ei, você, você não o conhece, não o entende. Tudo o que ele diz são subterfúgios e safadezas. Você tem que responder assim, e se acontecer isso, faça assim.”

Ao envenenar a mente do *bai*, o patife o transforma em uma pessoa desconfiada.

O *bai*, para se fazer de difícil, responde a uma questão direta com uma palavra de duplo sentido, motivada pelo patife, e afasta um bom homem, mas o patife continua bem ali, e diz ao *bai*: “Ah, eu não avisei sobre os truques dele”? O *bai*, então, perde a força de vontade e se entrega às mãos do patife.



Quadragesima Terceira Palavra

Algumas características do homem nascem junto com ele, outras são adquiridas como resultado do trabalho. Comer e beber são necessidades involuntárias, assim como dormir. O desejo de adquirir certo conhecimento em seu germe também é involuntário, já a razão e o conhecimento são frutos do trabalho. Ao ver com os olhos, ao ouvir com as orelhas, ao tocar com as mãos, ao provar e ao sentir cheiros, uma pessoa vai conhecendo o mundo. Essas sensações são fortalecidas na consciência humana na forma de conceitos positivos e negativos.

Esse poder do espírito, involuntário e independente de nossos desejos, é como uma boa ou má impressão das coisas que vimos e conhecemos.

O homem desenvolve algumas coisas, deixa de lado outras, mas aquilo que fica à margem não desaparece por completo, ele apenas se torna pouco sensível. O trabalho desenvolve um senso de conhecimento. O trabalho fixa na mente aquilo que foi ouvido. O homem estabelece uma ordem para o conhecimento, separa o necessário do desnecessário e torna-se inteligente.

As pessoas se referem a Deus como aquele que “não me deu a inteligência”, mas isso é uma calúnia. Será mesmo que Deus disse a alguém que não visse, não entendesse ou não se lembrasse de algo? O próprio homem se envolveu em prazeres, parasitismo, sono e gabolice. Ele próprio perdeu os tesouros da alma e se transformou em um animal.

Mas dirão ainda: se a vontade é necessária para a inteligência, então o sentimento surge por si só. Não, você precisa ter o poder da aspiração, e isso é criado pela razão.

O desejo pode haver em todos, mas é necessário desenvolvê-lo, cuidar dele, e então a sede pelo conhecimento se torna grande e forte. Uma pessoa se transforma em outra pessoa, domina a arte.

E se você não pensa no conhecimento, ele se esvai e, ao partir, ela não irá gritar: “Estou indo embora, estou me perdendo.”

Superar, retornar ao desejo original é mais difícil do que cultivá-lo. A força do espírito, a força de vontade, conterà muitas características, e não há tempo suficiente para descrevê-las. Mas lembre-se de que toda habilidade, toda arte que permanece sem utilização, perde suas melhores qualidades, começa a entorpecer e desaparecer e, muitas vezes, é impossível retomá-la.

Eu contarei a você sobre apenas três propriedades, necessárias para a alma, e imploro: não as deixe escapar. Se você as perder, deixará de ser um homem.

Que propriedades são essas?

A propriedade de entender rapidamente tudo o que se vê e ouve e de analisar de onde isso vem. Essa vivacidade ou esse elemento móvel da alma não podem ser substituídos pela leitura de livros. Apresse-se para aprender e para fazer. Se você não fizer isso a tempo, se não disser algo no momento certo, arrepender-se-á por toda a vida, e dirá: “Oh, perdi o momento certo.”

O segundo princípio é a atração pelo semelhante, que consiste na comparação de tudo; quando você aprender algo novo, lembrar-se-á do semelhante, verificará se isso é algo parecido com o antigo, completamente ou apenas em parte; você perguntará sobre o incompreensível, estudará sobre o assunto em livros e não descansará até que tenha aprendido tudo aquilo que precisa.

A terceira força é o sentimento do coração. Mantenha seu coração livre da arrogância, do egoísmo, da futilidade e do desinteresse. Se o coração ficar repleto de vícios e turvo, o mundo refletido nele será distorcido, e tudo ficará obscuro e impreciso.

Tudo aquilo que você conquistou com suas próprias mãos, toda sua riqueza, você deve conhecer, estudar e, caso não consiga conhecer, não a manterá em suas mãos. Você precisa conhecer a força e a fraqueza de sua condição.

A ciência tem seus pontos fortes e fracos, e deve ser trabalhada e estudada. Sem tê-la compreendido por completo, você perdê-la-á, mesmo que a tenha adquirido.

Saiba ponderar as coisas. Saber a medida de tudo é uma grande virtude. Não fique confuso, não perca a sanidade. Na comida, na bebida, no riso, na vestimenta, na diversão, no amor, nos abraços, nos beijos, na paixão pela riqueza, mesmo no carreirismo e na astúcia, em tudo deve haver uma medida. Qualquer coisa que ultrapasse a medida passa a ser considerada nociva.

Os antigos sábios diziam: “Naquilo que encontramos a alegria, ao mesmo tempo encontramos a amargura”.

Que não seja um segredo para você que a vivacidade e a capacidade de comparar possam ser combinadas, e que tudo se origina dessas duas forças: tanto o bem quanto o mal.

A gabolice, a malícia, a falsidade, a paixão e vícios semelhantes também nascem da vivacidade e da atração pelo semelhante, ou seja, daquilo que está em comparação.

Nosso objetivo deve ser extrair todo o bem e se afastar dos vícios.
Sinta tudo em seu coração.

A razão nos ajuda a distinguir o que é útil do que é prejudicial, mas a razão deve ser amparada pela coragem. Apenas aquele que une a razão à coragem conseguirá dominar as paixões e irá controlá-las como cavalos domesticados. Caso contrário, elas tornar-se-ão fontes de vício e, como cavalos indomáveis, levarão o homem para fora da estrada, irão jogá-lo nas pedras, na água ou em uma ravina sem fundo.

Muitas vezes, até mesmo uma pessoa inteligente não consegue controlar suas paixões, e então isso a derruba e faz com que ela, olhando para trás, se sinta humilhada mortalmente.



Quadragésima Quarta Palavra

O pior tipo de pessoa é a desprovida de aspirações. Mas há diferentes tipos de aspiração. Algumas são interessantes, esperançosas, outras, vazias. Por exemplo, todos querem ser elogiados; todos esperam por elogios, sejam eles merecidos ou não.

O homem se relaciona e compartilha ideias com as pessoas do seu trabalho, do seu meio.

A maior parte das pessoas almeja a fama e o reconhecimento.

Outros anseiam por riqueza. “Eu vou conseguir”, pensam. “Por meio da avareza, pela astúcia, eu vou conseguir; tanto faz de que forma. Afinal, os ricos não costumam ser culpados de nada.” “Um homem rico sempre tem um brilho no rosto”, diz o provérbio.

Comporte-se como um cachorro e ladre. Se você for rico, ninguém irá achar estranho ou questionar. Assim pensam as pessoas, que a riqueza dará a elas vantagens e fama. Assim pensam muitos cazaques, só que isso não é exatamente verdade.

Outros almejam ser conhecidos como corajosos ou fazer uma peregrinação a Meca, ou usar um turbante verde. Outros ainda querem ser chamados de *mulás*, outros desejam ser conhecidos como manhosos, outros querem ser considerados especialistas em alguma atividade. Mas, na verdade, tudo o que essas pessoas querem fazer é se exhibir diante do povo. Elas sentem a tendência atual dos cazaques, tentam descobrir que atividade é a mais valorizada no momento e correm para se ocupar com aquilo.

Não há no caso um verdadeiro impulso, uma alma pura. As pessoas bajulam umas às outras e não pensam na pureza da alma, e há muitos aborrecimentos e marcas na alma delas, bem como um desejo sórdido por uma vida fácil.

Eu olho para as pessoas e não sei de onde tirar algum exemplo e muito menos com quem aprender algo.



Quadragesima Quinta Palavra

A prova da existência de Deus é que, há milhares de anos, as pessoas têm falado em diferentes idiomas sobre a existência do Todo-Poderoso.

Não importa quantas religiões possam existir, considera-se que somos servos perante Deus na justiça e no amor.

Não somos criadores, somos apenas mortais que conhecem o mundo pelas coisas criadas.

Somos atraídos pela justiça, pelo amor, e um homem é diferente do outro por seu maior ou menor entendimento da sabedoria do Senhor.

O amor e a justiça são os princípios da humanidade, estão presentes em tudo e são necessários para tudo. Essa é a obra suprema do Criador. Mesmo na relação entre um cavalo e uma égua, o amor está presente.

Quem é influenciado pelos sentimentos de amor e justiça é um homem sábio e instruído. Ao sermos incapazes de criar a ciência, só podemos contemplar e perceber o mundo criado e entender sua harmonia por meio da razão.

Um homem ignorante é capaz de vender seu pai, sua mãe, todos os seus parentes e amigos ao primeiro oficial russo que lhe der um tapinha no ombro.

Estude a cultura e a arte russas. Elas são a chave para a vida. Se você conseguir, sua vida será mais fácil.

No entanto, atualmente, as pessoas que ensinam seus filhos no idioma, fazem de tudo por meio da língua russa para se aproveitar dos outros cazaques. Não tenha essa intenção.

Aprenda com os russos o bem, aprenda a trabalhar e a obter recursos de forma honesta. Se você conseguir atingir isso, ensine seu povo e o proteja da exploração.

Se aprendermos tanto quanto sabem os outros, tornar-nos-emos fortes e ficaremos em condições de igualdade.

No entanto, até agora, entre as crianças cazaques que aprenderam o idioma russo, ainda não surgiu nenhuma pessoa notável. Isso ocorre porque essas crianças são estragadas pelos parentes, pelos pais e pelos entes próximos. Mas, mesmo assim, elas ainda são melhores que aquelas que não aprenderam.

Os pais entregam seus filhos à escola russa com relutância, como que com vergonha ou sem querer de verdade. Como as crianças podem se tornar boas pessoas em meio a essa relação com a ciência?

Às vezes, os cazaques, em conflito com o seu próprio povo, e com o desejo de deixar de gostar dele, dizem: “Para que aguentar tamanha humilhação diante do nosso próprio povo, não seria melhor fazer do filho um soldado, tingir meu próprio cabelo e adotar os modos e costumes de um outro povo?”

Não se deve abandonar o seu povo.

Até que ponto os filhos dos cazaques que proferem palavras tão vergonhosas vão aprender algo de bom? Caso aprendam algo, tal conhecimento entrará por um ouvido e sairá pelo outro. É por isso que não há crianças que estudem de forma enérgica, mesmo quando são ensinadas de graça.

Dou-lhe minha palavra: não se apresse em casar o seu filho, faça com que ele aprenda a ciência russa, mesmo que para isso você tenha que sacrificar todos os seus bens.

Se você quer que seu filho seja um homem de verdade, eduque-o e faça o bem a ele e ao seu povo.



©Copyright 2020
Embaixada da República do Cazaquistão no Brasil
1ª edição. Todos os direitos reservados.

Coordenação Editorial: **Rosa Maria Zuccherato**
Assistência Editorial: **Augusto Rodrigues**
Tradução do Russo e Notas: **Edélcio Américo**
Imagens: **Eugene Sidorkin**
Revisões: **Fábio Fujita e Augusto Rodrigues**
Projeto Gráfico, Capa e
Editoração Eletrônica: **MM Art & Design**

DADOS INTERNACIONAIS DE
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Qunanbayuly, Abai, 1845-1904
O livro das palavras - tradução de Edélcio Américo
Imagens - Eugene Sidorkin
96 págs

1ª edição - São Paulo
Editora Nova Alexandria Ltda, 2020.

ISBN: 978-85-7492-478-6

1. Literatura Cazaque 2. Ficção
CDD 890

O livro não apenas nos apresenta uma fa-
gulha da obra do grande pensador cazaque
Abai Qunanbayuly, mas também nos revela
um mundo inteiro trazido por uma literatu-
ra ainda desconhecida do público brasileiro.
Esta obra permanente e universal, com mais
de 100 anos de história, está repleta de aforis-
mos, que enfatizam sentimentos como o pa-
triotismo e a coragem da pessoa humana, que
deve ser estabelecida desde a tenra idade, toca
no tema do amor e do dever à pátria, respei-
to pelos idosos, apoio aos mais jovens, e tam-
bém crítica vícios e fraquezas humanas.

Este trabalho contém tratados teóricos
sobre vários campos do conhecimento, tais
como: psicologia, etnopedagogia, política,
justiça e ecologia, inclui profundas reflexões
filosóficas e introspecção religiosa, além de
ser uma coleção de provérbios e um manual
sobre comportamento pessoal.

O livro, do começo ao fim, mantém o lei-
tor em um suspense para não perder as sábias
palavras sobre o significado da vida. Familia-
rizando-se com o texto, cada leitor se sente
com uma caneta na mão, como se escreves-
se seu próprio livro sobre a sabedoria da vida,
selecionando as expressões mais importantes
retiradas do grande pensador cazaque. Nas
palavras, ele parece despertar aqueles mesmos
pensamentos que estão adormecidos dentro
de cada um de nós. Este é o papel e a habilida-
de dos grandes poetas, e Abai se coloca na his-
tória como um dos maiores do mundo.

CRISTOVAM BUARQUE
PROFESSOR EMÉRITO DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA E EX-MINISTRO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL

O homem nasce chorando e morre irritado. Sem ver a felicidade da vida, perseguindo uns aos outros, se vangloriando, perdemos assim nossa pobre vida sem vê-la, a humilhamos com atos indecentes, a negligenciamos como areia, como uma corda podre, e quando chegamos ao fim, choramos e não conseguimos comprar sequer um dia de vida mesmo com toda uma fortuna acumulada.

(QUARTA PALAVRA)



9 788574 924786